

RECOMMENDAÇÃO



— Galadinho, ouviu? Não tem que dizer nada a ninguém!



Emerson diz :

«Venéro a saude como a primeira das musas. — A Belleza é a saude. — Na origem de grande parte das perversidades e das toleimas humanas que nos desgostam, ha, certamente, falta de saude...»

E diz a moça da gravura :

«Na origem de grande parte das doenças e de todos os incommodos que nos desgostam (a nós mulheres) ha, certamente, falta de Saude da Mulher... porque

A SAUDE DA MULHER

combate todos os incommodos de senhoras, dando-lhes graça ao corpo e frescor ao espirito. — A Belleza vem d'«A Saude da Mulher», como a primeira geradora de musas.»



Intallivel contra a
SYPHILIS

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 2 1/2, e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 17 de Junho, Ás 3 horas da tarde

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

17 - 6.

50:000\$000

INTEIROS, 8\$000 - EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da
Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras
Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

PARA O FRIO

Vestidos, Pelles, Casacos de malha e
de Jersey de seda, Manteaux e em-
permeaveis, para Senhoras, Senhoritas
e Meninas. Encontram-se esses arti-
gos do melhor gosto e pelos menores
preços na

AGUIA DE OURO

OUVIDOR, 169

INVERNO!!

COMPRAE NA CASA DOS SOBRETUDOS

Um bom sobretudo de cheviot de pura lã, todo forrado ordem 7070	55\$000
Idem, Idem c/ golla de velludo e melhor confecção ordem 7107	60\$000
Estupendo Sobretudo de cheviot de duas faces, forrado a franceza o/ 8015 .	80\$000
Lindas capas de Gabardine impermeavel, 1/2 lã, estylo Ragan	80\$000
Esplendidos Sobretudos, de cheviots inglezes, c/ cinto e fivella, for" á franceza	110\$000
Grande sortimento de Cheviots inglezes para sobretudos sob medida de confecção de luxo desde 130\$000 á	160\$000
Elegantissimas capas de Gabardine ingleza, de lã impermeavel, estylo Ragan a PARA O INTERIOR sobretudo ou capa mais 5\$000.	170\$000

Nas vendas por atacado para os collegas e pequenos revendedores, fazemos preços especiaes.

ALFAIATARIA SANTOS DUMONT — 192, Rua 7 de Setembro, 192

Contra o typho AGUA PLATINA

Tosse
Grippe
Constipações
Corysa

PEITORAL MARINHO

Dôres de cabeça
Dôres de garganta
Dôres no corpo
Dôres no peito

Vende-se em toda a parte e na rua 7 de Setembro, 186

O TERROR DO HOMEM !!

Esterilidade -- Debilidade sexual -- Esgotamento nervoso -- Fraqueza senil -- Cachexia organica -- Inappetencia genesica -- Neurasthenia -- Pouca virilidade, produzida por excessos, curam-se com o

“SEXUOL”

Preparação opoterapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. — Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Inter-nacional* — Rua Quintino Bocayuva, 18.

PARA O BANHO O SABÃO

THYMO BORICO

CONTRA: BROTOEJAS-ASSADURAS-PRURIDOS

EXPEDIENTE

A MAÇÃ

SEMANARIO ILLUSTRADO

DIRECTOR - CONSELHEIRO X. X.

PROPRIETARIO - HUMBERTO DE CAMPOS

Redacção : Rua Sachet, 28

ESTADOS

Anno	25\$000
Semestre	13\$000
Numero avulso	\$600

CAPITAL

Numero avulso	\$500
" atrazado	\$600

Agentes para os Estados :

LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Rua Bethencourt da Silva no. 15, 17 e 19

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.



PARA O INVERNO

V. Ex. encontra na **CASA ESTRELLA**

Camisas de lã, ceroulas de lã, cache-nez de lã, meias de lã, bonets de lã, cobertores de lã, luvas de lã, sobretudos, pellerinas, pyjamas de flanela, pyjamas de casemira, cache-col de sêda, etc., etc.

PREÇOS SEM EXEMPLO

RUA DO OUVIDOR N. 134

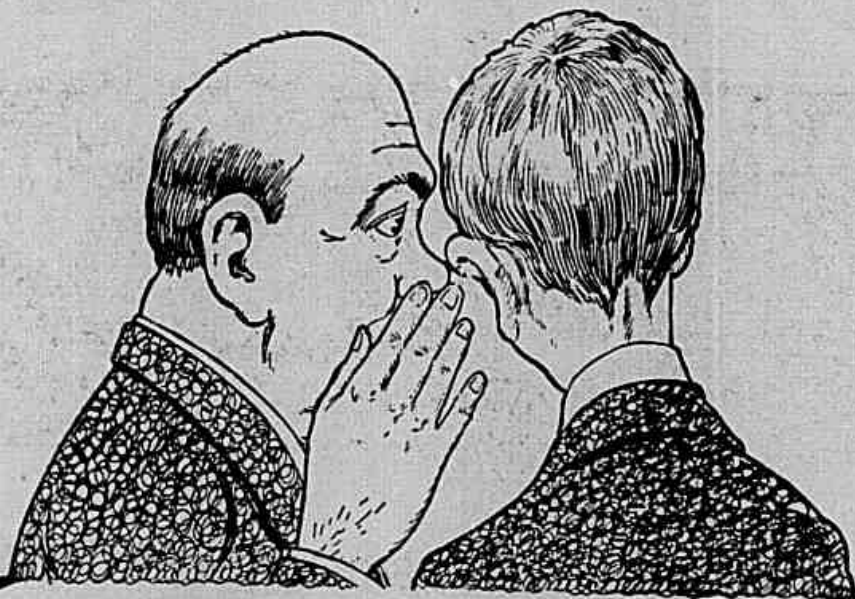
M Para hygiene intima das senhoras
e para defeza secreta dos homens

MATIGON

Pharmacias **ORIENTAL e WERNECK**

BANHOS DE MAR EM CASA

Vendem-se a 600 réis — 1.^o de Março
151 e nas boas pharmacias e drogarias —
Exijam a marca registrada onde se lê: Ba-
nhos de mar em casa. Unicos analyzados e
recommendados por distinctos clinicos.



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de **ABREU SOBRINHO**

RUA DA LAPA, 6 — RIO



OS CONTOS DO CONSELHEIRO

O PRESEPE

A tristeza cobria, ha seis annos, como uma grande nuvem que descesse das montanhas, o formoso paiz da Campina Azul, quando a rainha Natalia communicou ao seu real esposo, o rei Clodoveu, que lhe iria dar, dentro de poucos meses, o pequenino herdeiro do throno.

O rei Clodoveu teria sido, mesmo antes daquelle dia, um monarcha venturosissimo, se não fôsse aquella esterilidade da Rainha. A fartura existia por toda a parte e a prosperidade inundava o Thesouro regio. E essa felicidade vinha ter o seu complemento, agora, com o proximo nascimento de um successor, que assegurava, no poder, naquella terra tão rica e pacifica, a suave perpetuidade da dynastia.

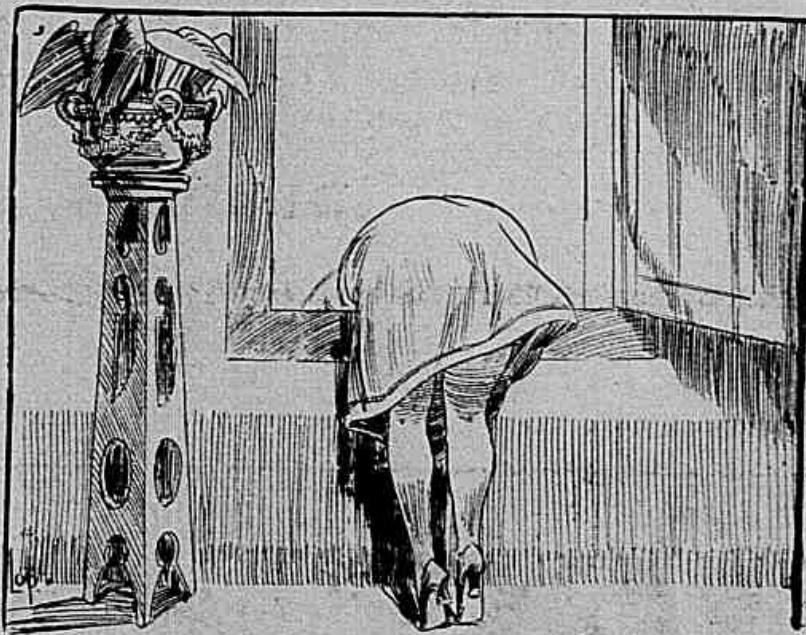
Não obstante a avancada idade do soberano, mais velho que a sua linda esposa quarenta e sete annos, deu esta ao mundo, e, particularmente, ao seu povo, ao termo natural de nove meses, o pequenino principe Maximiano, cujo nascimento ercheu de alegria os desesete milhões de habitantes do reino. De todas as pro-

vincias, de todas as cidades, de todas as aldeias, fôram mandadas delegações, para saudar o futuro imperante. Nas montanhas, os pastores, agglomerados, accenderam fogueiras enormes, festejando o venturoso acontecimento. E como fossem ordenadas festas publicas por sete dias, o reino inteiro transformou-se, por sete dias, num enorme salão de baile, cujas musicas se iam confundir, tumultuosas, no céu, com o harmonioso côro dos anjos...

A sala em que o princepesinho recebia, em palacio, as homenagens dos seus subditos, era grande como uma nave. Toda ella resplendia de ouro, de luzes, de pedrarias, de riquezas aor-doantes. E no centro, num berçosinho de ouro lavrado, o pequenino recém-nascido, cercado pelo velho pae, pela formosa mãe, pelo duque Theobaldo, thesoureiro do reino, e pelo jovem conde Godofredo, pagem da rainha.

As recepções, nesse ambiente, eram revestidas, sempre, de todas as exigencias protocollares. A nobresa do paiz havia passado, já, quasi

Precaução



— Não posse debruçar mais. O leitor está aqui atraz me espiando...

A classe medica diz

O Dynamogenol é indispensavel a todos os individuos cujo trabalho produz a fadiga cerebral — taes como : literatos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros.

O Dynamogenol é de resultados surprehendentes nos seguintes casos :

Tuberculose
Anemia
Chloro-anemia
Flores Brancas
Fadiga Cerebral
Hysterismo
Nervoso

Vertigens
Bronchites Chronicas
Agenesia
Pallidez
Insomnia
Paludismo
Perdas Seminaes

Convalescença
Magreza
Dôres de Cabeça
Falta de appetite
Fraqueza geral
Suores nocturnos
Má digestão, etc.

DYNAMOGENOL

Nestas e outras molestias **DYNAMOGENOL** é de um afeito seguro e rapido

As parturientes não devem nunca deixar de tomar o Dynamogenol durante a gestação e após a delivrance, pois, assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphatos, graças a esta inegualavel preparação. — Um só vidro do Dynamogenol representa para a senhora que amamenta mais vantagens que uma duzia de garrafas d'Agua Ingleza.

Vende-se em todo o mundo e na rua 7 de Setembro, 186

FOOT-BALL



A **CASA ESTRELLA** communica aos jogadores deste Sport, que recebeu pelo vapor Almanzora, grande sortimento de meias com as cores de todos os Clubs, e camisas para Goal-keeper importadas do afamado fabricante MORLEYS.

OUVIDOR, 134

OLHOS

Inflammações e purgações

USE O

"COLLYRIO MOURA BRAZIL"



OS CONTOS DO ALMIRANTE

A DACTYLOGRAPHA

Quando ella passava, de manhã, ao meio-dia e á tarde, pela Avenida Central, rumo do escriptorio em que trabalhava, não havia quem se não voltasse para vel-a. Era um «bijou», um mimo, uma figurita de porcelana, uma encantadora bonequinha de carne e osso, a que um padre houvesse posto, na pia, o nome de Zezé.

Filha de uma senhora pobre, a mocinha, abandonando o seu curso de normalista, matriculou-se em uma escola de dactylographia, e, ao fim de quatro mezes, empregou-se num escriptorio de despachante, á rua do Rosario. Redigia com intelligencia, escrevia com facilidade, e ganhava, por essas qualidades excepcionaes, trezentos e cinquenta mil reis.

O escriptorio em que Zezé trabalhava era constituido apenas por dois gabinetes. Em um, ficava o despachante, sr. Pontes Moreira; no outro, annexo, a dactylographa, e, em mesa convenientemente separada, Roberto Fagundes, auxiliar do despachante e pessoa da absoluta confiança do chefe.

A conservação de duas creaturas jovens na mesma sala constituia, naturalmente, um grave perigo. A Zezé era moça, e linda; como o Roberto andasse apenas pelos vinte e cinco annos, idade em que os olhos se tornam mais agudos é facil de imaginar que, em breve, se houvessem apaixonado um pelo outro. A principio, tinham sido, apenas, as olhadelas furtivas, por cima da machina de escrever. Depois, aventuraram palavras gentis, sem outras consequencias. E quando deram fé, o namôro estava adeantadissimo, a ponto de passarem horas inteiras um ao lado do outro, os olhos nos olhos, as mãos nas mãos, prejudicando trabalhos urgentes e, em particular, os interesses economicos do patrão.

— Amorsinho? — chamava o Roberto, descançando a penna molhado.

— Já vou, queridinho! — respondia a rapariga, abandonando a machina e correndo para seu lado.

la o apêgo por essas alturas quando, um dia, o sr. Moreira resolveu deixar, por um instante o seu pequeno gabinete para ver o que se passava no outro, contiguo. E chegara a tempo. Sentado na sua carteira, um monte de despachos em frente, o Roberto conversava, nesse momento, com a sua companheirinha, que havia chegado a

machina mais para perto, e que estava, nesse dia, mais formosa do que nunca.

— Chega-te mais um pouco, — mandou o rapaz, puxando-a pelo braço. A menina approximou a cadeira.

— Agora, um beijo para mim! — ordenou, de novo.

A rapariga chegou os labios.

— Assim, não! — protestou Roberto. — Eu quero um beijo com a linguinha de fóra!

Zezé pôz para fóra a linguinha de rubi, fina como a de um reptil, e estava nessa posição quando o sr. Pontes Moreira chegou:

— Que é isso? — exclamou, pallido.

Apanhados em flagrante, o moço fez um signal á moça para que não recolhesse a lingua. E enquanto o patrão os olhava, tomou elle uma estampilha, molhou na lingua da menina, e collou no despacho, — fazendo o mesmo aos outros papeis que necessitavam do sello.

— Excellente licção de economia! — exclamou o sr. Moreira, sorrindo, satisfeito.

E brejeiro, olhando o trabalho de ambos.

— Sim, senhores! Pouparam-me a gomma-arabica!...

E augmentou o ordenado, aos dois.

Almirante Justino Ribas

Esquecimento

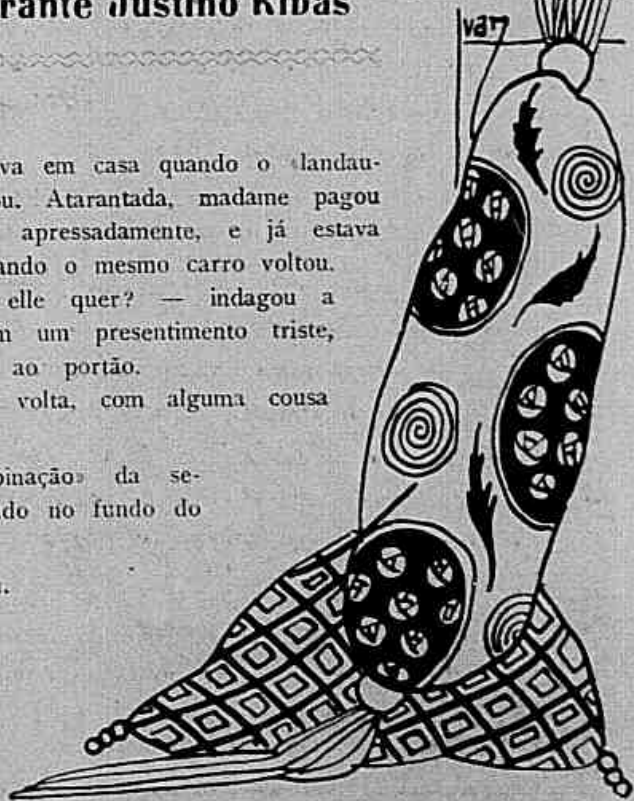
O marido já estava em casa quando o «landulet» de praça chegou. Atarantada, madame pagou o «chauffeur», subiu apressadamente, e já estava á mesa do jantar quando o mesmo carro voltou.

— Que é que elle quer? — indagou a formosa senhora, com um presentimento triste, mandando a creada ao portão.

A creada vae, e volta, com alguma cousa na mão:

— E' a «combinação» da senhora, que tinha ficado no fundo do automovel...

A sopa entornou.



O filho do commendador



Foi um contentamento para o commendador Felisberto a notícia, que a esposa lhe dera, de que lhe ia oferecer, em breve, um pequeno herdeiro do seu nome e, sobretudo, da sua fortuna.

— E' verdade isso? — exclamou o velho capitalista, contendo os impetos do coração.

E, como fosse fraco de nervos, desitou a chorar de satisfação, ensopando de lágrimas de felicidade o seu alvo lenço de linho, vasto como um lençol.

A generosidade do commendador, durante os mezes de expectativa, foi espantosa. Fraldas, camisinhas, sapatinhos de lã, barretinhos de seda, tudo isso entrava em quantidade pela porta do palacete, em que D. Enedina engordava contente, esperançada com a idéa de ter, enfim, uma creaturinha do seu sangue.

Passou-se, porém, o quinto mez. E o sexto. E o setimo. Este ultimo, passou-o o velho capitalista a procurar, sorridente, um nome para o pirralho. E concluiu:

— Se fôr homem, chamar-se-ha Benevenuto.

— E se fôr mulher? — indagou a esposa.

— Terá o nome da mãe. Será, tambem, Enedina...

Antes do oitavo mez, o commendador mandou a esposa para a Europa. E trinta dias depois, recebia o seguinte telegramma:

«Commendador Felisberto Maia — Rio. — Extrahi fibroma. Saudades. — Enedina».

Para o capitalista, essa noticia foi um choque. E foi furioso, apoplético de raiva, que elle respondeu, immediatamente:

Madame Felisberto Maia — Paris. — Combinação aqui foi dar outro nome criança. Caso insista dar nome Fibroma recém-nascido suspenderei mesada — Felisberto».

E respirou, com força. Era pae...

Capitão Matheus

toda, pelos pés do principesinho, beijando-lhe as pequeninas unhas cor de rosa. E faltava, já, pouca gente do cadastro real, quando o camareiro annunciou, á porta do salão, numa curvatura subserviente:

— O Monge Nicolau, eremita das Montanhas Negras, deseja prestar as suas homenagens a Sua Alteza!

Um gesto de enfado arripiou as barbas ao Rei. O duque olhou o conde, numa consulta, e este fitou a rainha, desconfiado. O monge era, porém, uma figura de grande popularidade no reino, e seria uma temeridade escorral-o da porta do palacio quando elle vinha, espontaneamente, prestar obediencia ao futuro representante da Casa Real.

Com um gesto, apenas, o soberano deu o seu assentimento. E ao fim de alguns minutos, penetrava no salão, as duas mãos no peito, os olhos baixos, enrolado no seu manto grosseiro de franciscano, alpercatas nos pés calosos, barba grisalha derramada até quasi á cintura, o santo eremita das montanhas religiosas.

Ar de compunção, que disfarçava, apenas, uma soberba arrogante, o monge chegou diante do berço, e ajoelhou-se. Beijou os

pés ao menino, roçando-lhe as perninhas tenras com a aspereza da barba selvagem, e, ao fim de alguns instantes de silencio, gemeu, de modo a ser ouvido por todos:

— Meu Principe, quiz o Céu que vós tivésseis, ao nascer, o destino de Jesus, nosso salvador!

O Rei sorriu, desvanecido. O conde olhou, apprehensivo. E o monge continuou:

— Tendes em torno de vós a scena do presepe!

O Rei continuou a sorrir. O conde continuou a olhar. E o monge, indicando a Rainha:

— Aqui tendes a Virgem!

Indicando o Duque:

— O Burro!

Apontando o Rei:

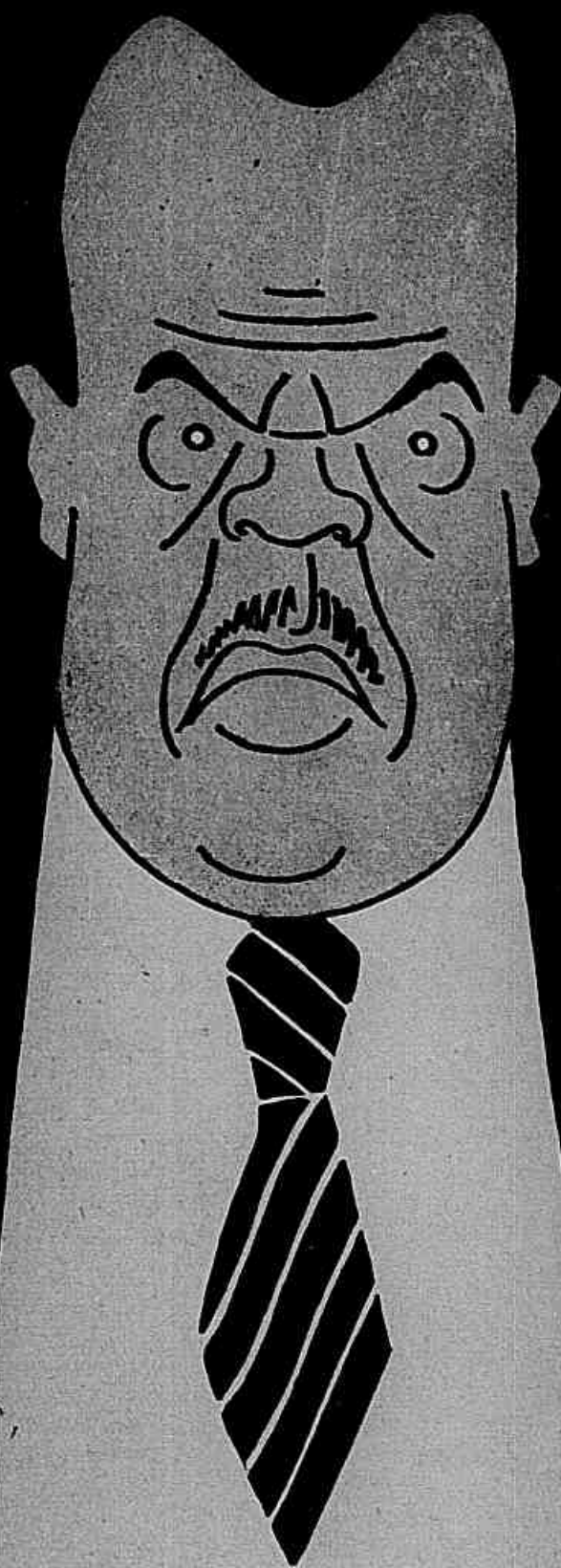
— E o Boi!

E sahio, cabeça baixa, mãos, no peito, com a mesma compunção.

X. X.



FIGURAS NACIONAES



Polaco

GEMINIANO DA FRANCA



S. Ex. o Chefe

A imprensa oposicionista não se têm canção de atacar, nestes ultimos tempos, o Chefe de Policia. Asseguram os jornaes, sob palavra de honra, que a população está incommodadissima com a permanencia do sr. dr. Geminiano da Franca na gestão

do serviço policial da cidade. E aponta a proposito, uma série de incompatibilidades fundamentais, que incapacitam o antigo desembargador da Córte de Appellação para o exercicio de funções de tamanhas responsabilidades.

A verdade é, porém, que, se ha algum incommodado com a conservação do dr. Geminiano na Policia, esse alguém é, exclusivamente, o dr. Geminiano. E a incompatibilidade que elle vê entre a sua pessoa e o cargo que exerce, é, apenas, a do seu temperamento, cuja uniformidade lhe tem dado, por mais de uma vez, desgostos profundissimos.

Homem de coração, e polido, o actual chefe de Policia imagina, de repente, que a cidade é um grande salão movimentado, e começa a tratar a toda a gente com uma verdadeira cortesia de cavalheiro. Gatunos, anarchistas, assassinos, sclerados, — todos gosam da mesma brandura, da mesma correccão de maneiras, das mesmas expressões de polidez, que caracterizam, no Chefe, o homem de sociedade. Se elle, nesses dias, manda metter alguém numa sala gradeada, é pedindo-lhe desculpas da violencia a que é forçado, e com ímpetos, quasi, de fornecer ao preso uma cama de arame, com colchão bem fôfo, e, ás refeições, um cardapio regado á champagne, com orchestra de tziganos á porta do xadrez. Se elle faz isso, ou quer fazer, a imprensa investe contra a autoridade, e berra, os punhos cerrados:

— O Chefe é um «pamonha»! é um «trouxa»! é um molleirão! Falta-lhe a energia para o cargo! Protege os ladrões! Favorece os bandidos! Pactua com os desordeiros.

Irritado com essa injustiça, o dr. Geminiano mette na gaveta o seu coração e os seus habitos de cavalheiro, fecha a cara, arrepia o cabello, e resolve ser, mesmo, um chefe ao gosto dos jornaes. Arma ciladas contra os gatunos á porta dos gallinheiros e, apanhado um delles, ministra-lhe cinco annos de prisão, com trabalhos forçados. Operario com embrulho na mão, é anarchista: cadeia com elle. A' menor discussão á porta de um cinema, chega a «viuva-alegre», apitando. As «marrequinhas» de trottoir» desaparecem, apavoradas, como as aves no temporal. E quando se acha tudo neste pé e o dr. Geminiano suppõe que a imprensa está satisfeita, os jornaes abrem, de novo, a bocca no mundo, esbravejando:

— O Chefe é um tyranno! é um Scarpia! A cidade vive alarmada com as violencias do sr.

Geminiano da Franca!

A verdade é, porém, que as tendencias humanitarias do dr. Geminiano, são, em parte, irreconciliáveis com os deveres deshumanos do Chefe. O supposto Scarpia fulminado pelos jornaes é, fundamentalmente, um homem nascido para outro meio, para outras occupaões, para outra classe de affazeres. Quem se habituou a beijar a mão ás senhoras não se póde sentir bem ao ligar o pulso aos gatunos. Até sahir da magistratura para a Policia, o unico furto que elle havia presenciado tinha sido o dos beijos, no canto dos salões. Entre um beijo furtado a um labio e uma gallinha subtrahida ao poleiro ha, porém, enorme differença. E d'ahi o mau estar do alto magistrado policial, quando tem de resolver, hoje, certas questões do seu fóro.

Nos circulos mundanos da cidade, o dr. Geminiano tem, ainda, encantadoras dedicaões. No Carnaval, o seu automovel é cercado, de vez em quando, de dominós misteriosos, que lhe falam brejeiramente ao ouvido, e lhe arrancam sorrisos significativos, evocadores de dias passados aqui, ou nas estações de aguas, Caxambu ou Poços de Caldas. No Municipal, o seu camarote é alvo, sempre, de binoculos que sobem das platéas, ou que se assestam, indiscretos, de camarotes de primeira ordem. E o antigo desembargador não é insensível, jamais, a essas manifestações aristocraticas. O caso contado o anno passado por um chronista mundano, é caracteristico.

Trabalhava no Municipal a Companhia Lyrica. Platéa cheia e, na platéa, uma illustre senhora de grande nome, actualmente desempedida. Elegancia em declinio, a nobre dama vira fugir, um a um, os seus antigos admiradores. O inverno da velhice, que vinha celere, tinha afugentado as cigarras que a haviam celebrado, deixando-a só, na tristeza daquelle abandono. E foi quando o Chefe, talvez pela força da sua função, que é a de zelar pelos desprotegidos, deu com ella, no isolamento daquelle cadeira. Generoso, fixou o binóculo. Repetiu a gentileza duas, dez, vinte vezes. E foi quando uma linda senhora, de uma frisa proxima, chamou a attenção de uma companheira, para o facto.

— E' sempre assim... — commentou esta, maliciosa,

E alludindo á situação da illustre dama da platéa, a quem os annos haviam aposentado, concluiu, perversa:

— A Policia chega sempre... atrasada!...

Ha algum tempo os jornaes criticaram o Chefe por ter sido encontrado, alta noite, trajando casaca e cartola, a prender anarchistas em bairros suspeitos.

Como queriam, realmente, os jornaes, que andasse, á hora chic da cidade, o dr. Geminiano? Não foi á toa, certamente, nem para soffrer appellação, que o governo, ao precisar de um Chefe de Policia, foi buscar um homem á Córte...

Rodin





Galho DE URTIGA

Experiencia

A illustre senhora, apesar dos tres maridos que já teve legalmente... em Buenos-Aires, é, ainda, uma linda creatura. Se tem rugas no rosto, não parece. E é tida, por isso, não só como uma das nossas mais formosas figuras femininas, mas, tambem, como uma das mais experientes.

Ha dias, uma sobrinha sua foi visitá-la, e pediu-lhe um conselho. Pretendia aceitar a mão de um conhecido medico da Prefeitura, e desejava a opinião-da querida tia sobre o casamento, e, particularmente, sobre os maridos.

— Os maridos, minha filha, — observou-lhe a mundana; — são sempre muito amáveis, muito bons...

E com tristeza, num suspiro:

— Principalmente os primeiros...

Profissão elegante

Ponto dos bondes da Jardim Botânico, ás trez da tarde. Dois «almofadinhas» conversam, como intimos. Assumpto: namoradas.

— Que tal a tua pequena? — indagou um, encostado ao poste electrico.

— E' o «succo»! — informa o outro.

— Rica?

ta de ar, das suas insomnias, da sua tachicardia alarmante. E quando terminou, feitas as indagações complementares, o medico ordenou-lhe:

— A senhora entra para alli, e põe-se á vontade. Tire a sua blusa, o seu collete, que eu já lhe vou auscultar.

Dez minutos depois, sentada no divan alto, de consultas, começava a solteirona a ser auscultada. Sobre o collo magro, ossudo, que esfuracava aqui e alli a camisinha de renda, havia o medico lançado uma toalha de linho, para encostar a cabeça, na meticulosidade do exame. Ao subir-lhe ao nariz o perfume suave de Houbigant; da cabelleira do illustre profissional, Dona Hermelinda sentiu um arrepio, um «frisson», como nunca tivera. De repente, como o exame demorasse, começou a puxar, de leve, a toalha, que separava do seu collo virgem a cabeça do clinico. Absorvido pelo que fazia, o dr. Agenor não deu, sequer, por isso. E estava, já, com o ouvido na pelle da solteirona, quando terminou o trabalho, erguendo, satisfeito, a cabeça.

Quem não estava, porém, satis-

— Riquissima!

— Mentira!

Ante a incredulidade daquelle São Thomé de palitot cintado, o outro não tem duvidas: abre o casaco, tira a carteira; abre a carteira, e mostra:

— Olha!

Dentro, novinhas em folha, brilhavam duas cedulas de quinhentos mil réis.

A relatividade das chuvas

Quando cahiu, outro dia, aquella chuva torrencial que trouxe para a Avenida as areias do Castello, o deputado cearense Daniel Carneiro chegou ao Monróe no momento, exactamente, em que tomava o elevador o seu collega Collares Moreira.

— Na sua terra não tem chuvas desse tamanho... — observa, gentil, o representante maranhense.

— Nem era possivel... — commenta, contrafeito, o do Ceará.

E desculpando a capital do seu Estado:

— O senhor comprehende que o Rio de Janeiro é uma cidade muito mais importante...



feita, era a cliente. E de tal modo que, ao sentir que o medico dava por finda a auscultação, mergulhou a mão na bolsa, que estava ao lado, indagando:

— Doutor, quanto custa uma consulta destas?

— Cincoenta mil reis, minha senhora.

E a velhota, estendendo-lhe uma cédula de cem, os olhos semi-cerrados, quasi num desmaio:

— Ausculta outra vez... Sim?

Charcot & Pasteur



Casos medicos

Na clinica do dr. Agenor

Dona Hermelinda Mattoso pertencia ao numero daquellas mulheres condemnadas pelo destino a desaparecer do mundo sem o conhecimento da minima caricia masculina. De educação austera, a sua mocidade fôra, pode-se dizer, a de uma freira. Os dois ou tres namorados que tivera, haviam sido conservados, todos, á distancia. E foi esse escrupulo, esse excesso, esse exaggero de honestidade, que lhe valeu chegar aos quarenta e cinco annos com alguns bens de fortuna, mas, em compensação, sem o consolo de possuir um marido.

Attingida essa idade, principiou a virtuosa creatura a sentir os effeitos do seu isolamento na terra. O coração, que sempre regulára bem, começou a desmandar-se em batiques descompassados, como se lhe quizesse sahir pela bocca, em busca de um companheiro. Uma tosse impertinente, secca, intoleravel, sa-

cudia-lhe de vez em quando o corpo outr'ora gracioso, que principiava a emmagrecer, e a reduzir-se. E foi nessa crise de saúde que uma irmã casada lhe observou, preocupada :

— Menina, consulta um medico.

E adeantava :

— Procura o dr. Agenor Porto. Elle dá consulta das trez ás cinco.

Dois dias depois estava Dona Hermelinda no consultorio do conhecido clinico brasileiro, á espera da sua vez, para ser recebida. E esta chegou, quasi ao anoitecer, após a sahida de uma senhorita nervosa, que levara lá dentro hora e meia, com uma tia vilha, para tomar uma simples injeção de oleo cinzento. O porteiro chamou-a :

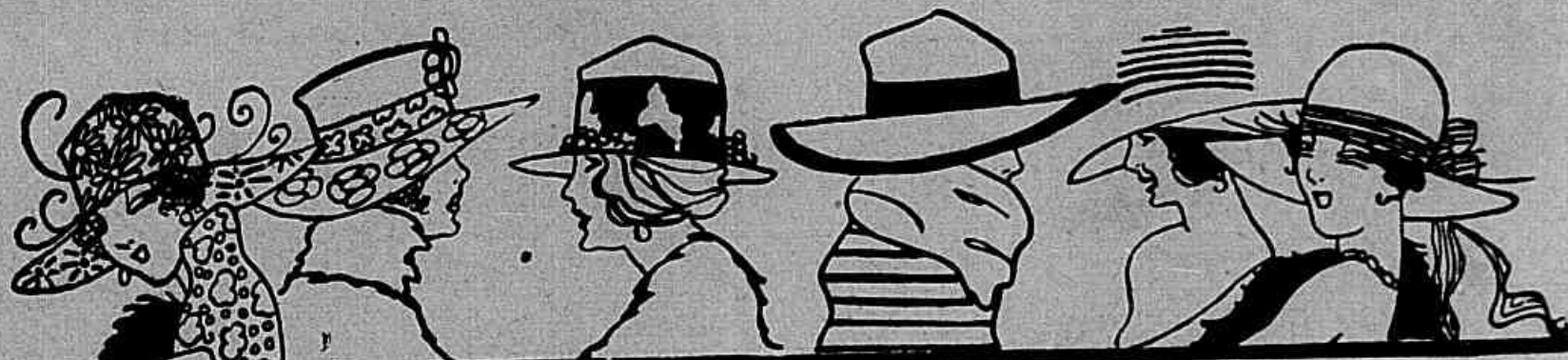
— E' a vez da senhora...

Apanhando, ás pressas, o guarda-chuva, o leque, o lenço e uns embrulhos que deixara sobre a cadeira visinha, a moça enveredou pela porta, penetrando a sala de consultas.

— Conte-me o que sente, minha senhora... — pediu o medico, procurando afastar da consulente qualquer idéa de constrangimento.

Olhos baixos, Dona Hermelinda contou. Falou da sua tosse, da sua fal-





ANTHOLOGIA GALANTE

O PENTEADO

(Página do «Dom Casmurro»)

Capitú deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabellos, colhi-os todos e entrei a alisar-os com o pente, desde a testa até ás ultimas pontas, que lhe desciam á cintura. Em pé não dava geito: não esquestes que ella era um nadinha mais alta do que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse.

— Senta aqui, é melhor.

Sentou-se. «Vamos ver o grande cabelleireiro», disse-me rindo. Continuei a alisar os cabellos, com muito cuidado, e dividil-os em duas porções eguaes, para compôr as duas tranças. Não as fiz logo, nem assim depressa, como pôdem suppôr os cabelleireiros de officio, mas devagar, devagarinho, saboreando pelo tacto aquelles fios grossos, que eram parte della. O trabalho era atrapalhado, ás vezes por desaso, outras de proposito para desfazer o feito e refazer-o. Os dedos roçavam na nuca da pequena ou nas espaduas vestidas de chita, e a sensação era um deleite. Mas, emfim, os cabellos iam acabando, por mais que eu os quizesse interminaveis. Não pedi ao ceu que elles fossem tão longos como os da Aurora, porque não conhecia ainda esta divindade que os velhos poetas me apresentaram depois; mas, desejei penteal-os por todos os seculos dos seculos, tecer duas tranças que pudessem envolver o infinito por um numero innominavel de vezes. Se isto vos parecer emphatico, desgraçado leitor, é que nunca penteastes uma pequena, nunca puzestes as mãos adolescentes na joven cabeça de uma nympha... Uma nympha! Todo eu estou mythologico. Ainda ha pouco, falando dos seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Thetis; risquei Thetis, risquemos nympha; digamos sómente uma creatura amada, pala-

vra que envolve todas as potencias christãs e pagãs. Emfim, acabei as duas tranças. Onde estava a fita para atar-lhe as pontas? Em cima da mesa, um triste pedaço de fita enxovalhada. Juntei as pontas das tranças, uni-as por um laço, retoquei a obra, alargando aqui, achatando alli, até que exclamei:

— Prompto!

— Estará bom?

— Veja no espelho.

Em vez de ir ao espelho, que pensaes que fez Capitú? Não vos esqueças que estava sentada, de costas para mim. Capitú derreou a cabeça, a tal ponto que me foi preciso acudir com as mãos e amparal-a; o espaldar da cadeira era baixo. Inclinei-me depois sobre ella, rosto a rosto, mas trocados, os olhos de um na linha da bocca do outro. Pedi-lhe que levantasse a cabeça, podia ficar tonta, machucar o pescoço. Cheguei a dizer-lhe que estava feia; mas nem esta razão a moveu.

— Levanta, Capitú!

Não quiz, não levantou a cabeça, e ficámos assim a olhar um para o outro, até que ella abrochou os labios, eu desci os meus, e...

Grande foi a sensação do beijo; Capitú ergueu-se, rapida, eu recuei até á parede com uma especie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando elles me clarearam, vi que Capitú tinha os seus no chão. Não me atrevi a dizer nada; ainda que quizesse, faltava-me lingua. Preso, atordoado, não achava gesto nem impeto que me descolasse da parede e me atirasse a ella com mil palavras callidas e mimosas... Não mofes dos meus quinze annos, leitor precoce. Com dezesete, Des Grieux (e mais era Des Grieux) não pensava ainda na differença dos sexos. MACHADO DE ASSIS



OS IDOLOS DO SECULO



ALCOVA DOS POETAS

ITALIANO

A' sahida do club, o conde, um dia,
No tom cavo das maguas e revezes,
Concluindo a palestra, me dizia :
— «Nunca, amigo, por ella te embellezes.

«Hão de amargar-te eternamente as fezes
«Da taça loura, appetitosa e fria,
«Que te offereça, e a tentação desprezes
«Do seu fino licor de Malvasia.

«Filtros damnados, toxicos perversos
«Andam, trahindo o imperio da vontade,
«De parceria nesse vinho immersos...»

Tempos depois, eu soube, não sei onde,
Que essa flor da luxuria e da vaidade
Tinha, uma noite, envenenado o conde !

B. Lopes



ODORANS

Dentifricio medicinal. O unico que evita a carie e o mau halito.
A experiencia custa apenas 2\$500. A' venda em toda parte.

Deposito geral: CASA HERMANNY — Rio.

O conselho do padre



A matriz de São João Baptista da Lagôa enchera-se naquella tarde. Das ruas proximas e, mesmo, das Laranjeiras, tinha ido gente chic para ver a noiva. E foi entre alas de moças e senhoras sorridentes que a Juliettinha penetrou no templo pelo braço do pae.

E estava linda, a menina. Os seus olhos claros, de um brilho tão doce, pareciam mais doces ainda ao se destacarem da alvura do véo, da grinalda e do vestido. A pallidez suave que lhe era peculiar, tornava-se, talvez, mais accentuada. O sorriso era, porém, na sua bocca pequenina, como um sol de primavera, a despertar, em alvoroço, as aves de ouro da alegria.

Quando os noivos se approximaram do altar-mór, em que se devia celebrar o acto religioso, a multidão feminina fechou-se sobre elles. E foi a comprimir os convidados que os curiosos viram os noivos trocarem os anneis, permutarem o beijo de nupcias e ouvirem, no fim tudo, a benção do vigario, que terminou o seu pequeno sermão com esta simples recommendação paternal:

— Acompanhae, minha filha, o vosso esposo por toda a parte. Ide por onde elle fôr.

O primeiro anno do casal foi de felicidade relativa. O Ernesto, se não era um mau esposo, isto é, um barbaro, um tyranno, um canalha, era, para infelicidade da moça, um vadio, um estroina, um leviano. Visinho, quasi, dos sogros, achava que a Juliettinha devia ir, sempre, para lá, á noite, jogar o sólo com elles. E ganhava a rua até meia-noite ou duas horas, enquanto a casa dos velhos se povoava de cavalheiros blandiciosos, que se iam approximando, como corvos, farejando o cadaver de uma honestidade em perigo.

Ingenua e bôa, a moça resistiu a toda a sorte de tentações. Offere-

cimentos de dinheiro, mimos custosos, propostas de felicidade,— tudo isso foi repellido por ella com dignidade. Amava o marido, e só não lhe contava a situação perigosa em que se via, para que o ingrato não fôsse expôr a propria vida, pedindo satisfacções aos desrespeitadores da mulher.

Ha, porém, na vida dos casaes, um inimigo mais perigoso que o conquistador endinheirado ou audacioso: é o amigo habil, maneiroso, insinuante. Diplomata e cauteloso, este não investe contra a presa, nem procura subornal-a com o seu ouro: cerca-a de cuidados, de gentilezas, de attensões respeitadas, buscando incutir-lhe a confiança. E quando a victima dá por si, está manietada por uma rêde de sêda, de que não mais pôde sahir...

Foi o que succedeu á Juliettinha. Entre os parceiros de sólo na casa do pae, um havia, o dr. Abel de Vasconcellos, que não lhe dirigira, jamais, um galanteio. Nunca o seu pé sentira o delle por baixo da mesa. Era bom, gentil, carinhoso, e, quando lhe falava, era para animal-a, para confortal-a, pedindo-lhe que perseverasse, atravez de todas as vicissitudes, no caminho da virtude. E era esse mesmo dr. Abel que, um anno depois, se tornava seu amante, para abandonal-a, em seguida, saciado, nos braços de outro miseravel.

Atirada nesse caminho, a moça foi ter, como tantas outras, a casas suspeitas, de encontro passageiro. E foi á escada de um desses antros que se encontraram, uma tarde, mulher e marido.

— Tu, por aqui? — exclamou o Ernesto, branco, de cêra.

— Sim, filho... — confessou, rindo, a desgraçada.

E cynica, frente a frente com o esposo:

— O padre Gonçalo não disse que eu teria de ir por onde tu fosses?

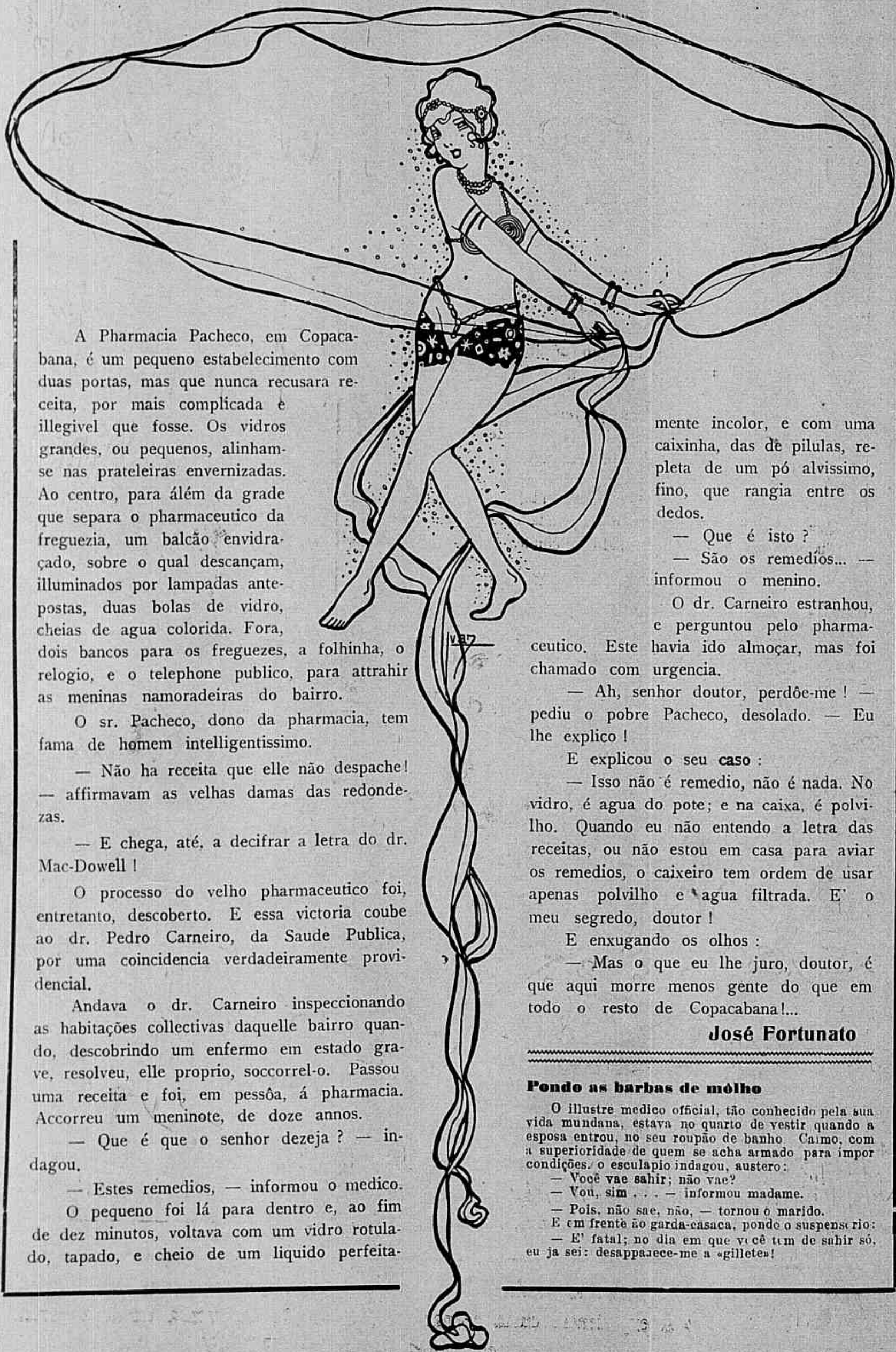
Marquez Ito

DISTRIBUIÇÃO DE PAPEIS



- A senhora, D. Mathilde, fica em primeiro lugar; a senhora, D. Lucia, em segundo; a senhora, D. Marilla, em terceiro ...
- E eu, professor ?
- A senhora, fica no quarto ...

O PROCESSO PACHECO



A Pharmacia Pacheco, em Copacabana, é um pequeno estabelecimento com duas portas, mas que nunca recusara receita, por mais complicada e ilegível que fosse. Os vidros grandes, ou pequenos, alinham-se nas prateleiras envernizadas. Ao centro, para além da grade que separa o pharmaceutico da freguezia, um balcão envidraçado, sobre o qual descansam, illuminados por lampadas antepostas, duas bolas de vidro, cheias de agua colorida. Fora, dois bancos para os freguezes, a folhinha, o relógio, e o telephone publico, para attrahir as meninas namoradeiras do bairro.

O sr. Pacheco, dono da pharmacia, tem fama de homem intelligentissimo.

— Não ha receita que elle não despache! — affirmavam as velhas damas das redondezas.

— E chega, até, a decifrar a letra do dr. Mac-Dowell!

O processo do velho pharmaceutico foi, entretanto, descoberto. E essa victoria coube ao dr. Pedro Carneiro, da Saude Publica, por uma coincidencia verdadeiramente providencial.

Andava o dr. Carneiro inspeccionando as habitações collectivas daquelle bairro quando, descobrindo um enfermo em estado grave, resolveu, elle proprio, soccorrel-o. Passou uma receita e foi, em pessoa, á pharmacia. Accorreu um meninote, de doze annos.

— Que é que o senhor dezeja? — indagou.

— Estes remedios, — informou o medico.

O pequeno foi lá para dentro e, ao fim de dez minutos, voltava com um vidro rotulado, tapado, e cheio de um liquido perfeita-

mente incolor, e com uma caixinha, das de pilulas, repleta de um pó alvissimo, fino, que rangia entre os dedos.

— Que é isto?

— São os remedios... — informou o menino.

O dr. Carneiro estranhou, e perguntou pelo pharmaceutico. Este havia ido almoçar, mas foi chamado com urgencia.

— Ah, senhor doutor, perdôe-me! — pediu o pobre Pacheco, desolado. — Eu lhe explico!

E explicou o seu caso:

— Isso não é remedio, não é nada. No vidro, é agua do pote; e na caixa, é polvilho. Quando eu não entendo a letra das receitas, ou não estou em casa para aviar os remedios, o caixeiro tem ordem de usar apenas polvilho e agua filtrada. E' o meu segredo, doutor!

E enxugando os olhos:

— Mas o que eu lhe juro, doutor, é que aqui morre menos gente do que em todo o resto de Copacabana!...

José Fortunato

Pondo as barbas de molho

O illustre medico official, tão conhecido pela sua vida mundana, estava no quarto de vestir quando a esposa entrou, no seu roupão de banho. Calmo, com a superioridade de quem se acha armado para impor condições, o esculapio indagou, austero:

— Você vae sahir; não vae?

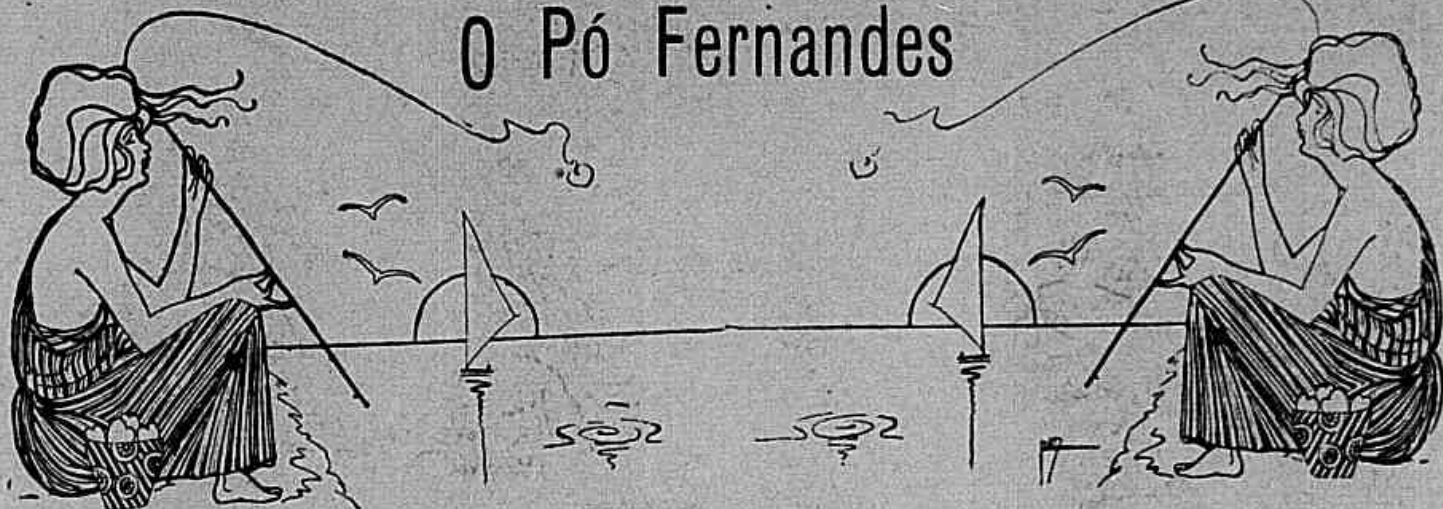
— Vou, sim... — informou madame.

— Pois, não sae, não, — tornou o marido.

E em frente ao guarda-casaca, pondo o suspensorio:

— E' fatal; no dia em que você tem de sahir só, eu ja sei: desapparece-me a «gillete»!

O Pó Fernandes



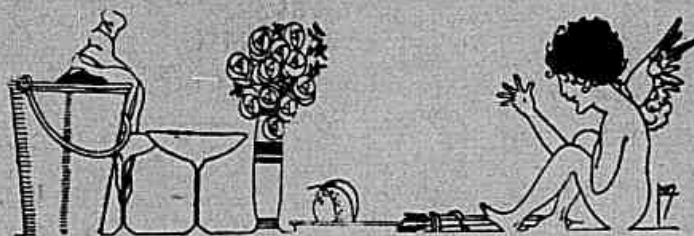
D. Minervina Fernandes, esposa do conhecido pharmaceutico Feliciano Gomes Fernandes, era de uma leviandade innominavel. As inconveniencias lhe saiam da boquilha vermelha, como as andorinhas das torres das egrejas. Nenhuma, porém, tão grande como aquella, que lhe ia valendo a separação do casal.

Inventor do famoso «Pó Fernandes», o illustre pharmaceutico não se cansava de espalhar por toda a parte as virtudes do preparado. Não havia comichão, frieira, assadura, eczema, ou cousa equivalente, que resistisse á sua applicação.

— E' um prodigio, dizia.

E secundava:

— Parece milagre!



Certo dia louvava elle, á mesa, as excellencias da sua formula, quando resolveu illustrar a palavra com a citação de um exemplo:

— Ahi está, como prova, o Dr. Marcellino. Tinha uma eczema na perna, acima do joelho, e está inteiramente restabelecido.

— O Dr. Marcellino? — estranhou D. Minervina, sem levantar a cabeça do prato.

E, logo, sem dar pela asneira:

— Só si se curou agora, Feliciano. Por que, ainda no domingo, elle ainda não estava bom...

E continuou a comer, tranquillamente, o seu «beef», com batatinhas fritas na manteiga...

te Commendador Belisario á filha, em certa noite, antes que chegassem os jornaes vespertinos e que ella saísse para o cinema do bairro.

E o caso é que o velho entendeu mesmo de combater a todo o transe não somente o amor que a rapariga tinha pelo «vivo» como o terror que sentia pelos mortos.

Foi assim que, de combinação com o Reginaldo, estudante de medicina e pretendente aceite pela familia, resolveu prégar uma peça á pequena, mas uma peça em regra.

De feito, quando, certa noite, Martha saiu para ver uma fita muito gabada do Chico Boia, depois daquelle processo ruidoso, o velho e o rapaz penetraram na sua camara, de donzella, e collocaram sobre a travesseira de rendas, perfumada e ainda afôfada pela cabecinha que nella repousára para o somno da sesta, um braço branco de defunto, que o estudante trouxera para retalhar.

E foi o proprio Commendador Belisario que espalmou a mão macabra sobre a almofada, cobrindo o «biceps» do defunto com a colcha, debaixo da qual collocou roupas e toalhas afim dar apparencia de um corpo estirado.

Certo, a experiencia era por demais perigosa, mas necessaria afinal, visto que a rapariga já andava pelos seus vinte e dois annos. Era uma vergonha.

Assim, quando depois de tudo arranjado ouviram a voz da moça no jardim, enfiaram ás pressas pelo corredor e mal tiveram tempo de se sentar deante do taboleiro de xadrez, com

ares affectados de muita attenção para os lances da partida.

Logo que Martha soube da visita insupportavel de Reginaldo, achou meios de entrar no quarto, sem passar pela sala. Chegára a hora da terrivel prova. O proprio Commendador sentia-se arrependido da brincadeira, que podia mesmo ter um desfecho desagradavel. Reginaldo, esse então, via já o que lhe ia acontecer: um odio mortal para o resto da vida e... adeus sonhos de casamento e de ventura!

Era, porem, muito tarde para avisos e então guiaram até ao quarto de Martha, pé ante pé, um atrás do outro, no instante mesmo em que a rapariga dava volta á chave.

Houve um silencio de expectativa ansiosa.

E o coração que batia descompassado não era certamente o da victima da intrugice; mas o do rapaz, que receiava pela saúde da pretendida e pelo proprio futuro; o do velho, que alli quedava afflicto, o ouvido collado á fechadura, as temporas em latejos.

Então, a menina depois de torcer o commutador, foi até á janella, á qual deixou entreaberta, e voltou-se depois para o leito.

E os dois homens ouviram, estarrecidos de espanto, a voz da moça, em tom de calma e de cautela:

— Você é doido, Paulo! Isto é hora de vir? O pessoal está todo acordado ainda!...

Foi assim que Paulo Moreno se casou... O braço do defunto serviu-lhe de mascote.

Braço de defunto



— Martha, Martha, você precisa de combater essas abusões de almas d'outro mundo — dizia o Commendador Belisario Pontes, sentando a filha unica no braço da cadeira, para onde elle costumava ir, depois do jantar, á espera dos jornaes da noite.

— Que quer, papáe ? Todos os dias procuro reagir contra esse medo...

— Que é falta de religião — interrompeu o commendador — entre risinho e persuasivo.

— Mas em vão intento combatê-lo. Olhe, papai, ás vezes, tenho necessidade de subir para me arranjar, antes de ir ao cinema, e não tenho coragem de entrar sósinha no quarto. Não sei por quê, quando rézo a oração, que me ensinaram, o terror me invade de tal forma, que acabo sempre dormindo com a empregada. E' peor. Parece cousa feita !

— Então, é antes reza para fazer medo; talvez por ser comprida...

— E' até bem curta; mas logo que a principio, começo a me lembrar de mil cousas. Penso que vão apparecer a Vovó, o tio Ignacio, de repente, do biombo, do cabide dos quatro cantos do quarto. Só sei que não posso mais rezar direito, porque fico a olhar para um e outro lado, assustando-me com o reposteiro, com qualquer cousa. Então se a madeira da mobília estála, chego mesmo a gritar.

Nesse instante a rapariga estremeceu toda, como se lhe passasse um arrepio pelo corpo e deslizou do braço da poltrona para o tapête, onde se ajoelhou, fi-

cando o corpo apoiado nas pernas do páe.

— Vamos a saber : — qual é então o motor que acciona com tanta accellerção o delirando systema desses nervos ?

— Ora papáe. E' uma oração muito simples.

Olhe é assim :

«Com Deus me deito ;
Com Deus me levanto ;
Com as graças divinas
Do Espirito Santo.
Nossa Senhora me cubra
Com o seu divino manto,
Que se bem coberta fôr,
Não terei medo nem pavor.»

— Só isto ?

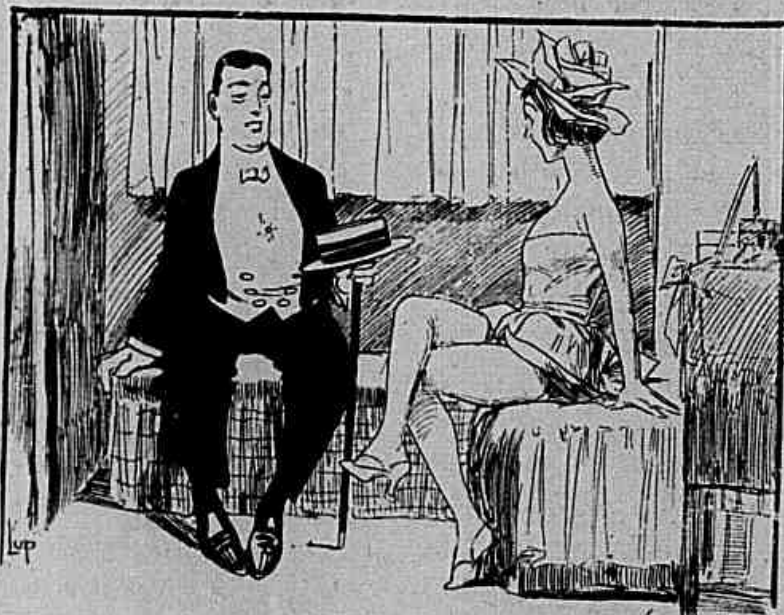
— Veja Você, só isto. Mas quando chego áquella passagem: «Nossa Senhora me cubra», eu já estou coberta dos pés á cabeça, a tremer, e tão encolhida que caberia numa gavêta de commoda.

— Quem morre, minha filha, não torna. Deves ter medo dos vivos; desses, sim. Com apparencias amaveis, com vozes melifluas, com promessas e juramentos, enganam, mentem e desgraçam os incautos, os confiantes e os credulos.

Ainda te hei de tirar esta manha, como já tirei tantas outras. Lembra-te do horror que tinhas de gallinhas chôcas ? Pois tudo vae da gente se acostumar. Olha, perigoso, de fazer medo, é aquelle Paulo Moreno, que escreve cousas de entontecer ás meninas inexperientes. Delle é que devias ter medo, e delle é que te resguardo, prohibindo-o de vir mais aqui, ouviste ?

Isto dizia o excellen-

O PAPEL FINO



— Com que então vae fazer no baile das flores o papel da sua predilecção ?

— E' verdade. Vou ser o "parasita"...

CHRISTIANO DE SOUZA

Como Leopoldo Fróes, Christiano de Souza é bacharel em Direito. A sua carta possui, entretanto, uma historia mais complicada, por ter entrado e sahido do canudo mais de uma vez.

Logo do seu apparecimento nos palcos brasileiros, foi levantada na imprensa uma questão delicadissima: a sua procedencia. Uns diziam-no por-

tuguez, natural de Leiria ou de Villa Real; outros, queriam-n'o brasileiro, nascido nesta cidade ou em Barra-Mansa; outros, emfim, conciliatorios, admittiam o seu nascimento no alto mar, entre o Rio de Janeiro e Lisboa, a bordo de um patacho inglez que fazia viagens, então, entre as duas capitães.

A verdade é, porém, que Christiano nasceu portuguez, e é bacharel em Portugal. Descendente directo de Nun'Alvares, por parte de D. Leonor, segunda filha do duque de Vimioso, nasceu elle, como os seus ascendentes, em berço de ouro, que a Fortuna inicialmente embalou. Aos dezeseite annos, estava matriculado na Universidade de Coimbra; e aos vinte e quatro sahia d'alli com a carta de bacharel, com provisão para advogar em todo o paiz.

Installado com banca de advocacia no Porto, foi Christiano chamado, um dia, para defender um caso grave, que se debatia no fôro de Braga. Era um crime horrivel. A accusada, uma mulher jovem ainda, havia, por ciumes, assassinado o marido, cujo peito abriu, depois, com as unhas, para morder-lhe o coração. A causa não podia ser mais antipathica. Chamado a patrocinar a causa da criminosa, Alexandre Braga

havia se recusado, em nome, dizia elle, «da propria dignidade humana». Guerra Junqueiro, que fôra amigo do defunto, fulminou a desgraçada com um azorrague de estrellas, de que faziam parte aquelles alexandrinos f a m o - s o s :

*“Em tua alma de vil, o Sol,
[jorrando luz,
Transforma-se, mulher,
[num vomito de puz!”*

A animosidade contra a criminosa era, assim, absoluta. E foi quando Christiano chegou para fazer-lhe a defesa, desafiando dessa maneira a colera da multidão apaixonada.

Feita a accusação pela promotoria, e, em seguida, pelo dr. Antonio José de Almeida, contractado pela familia do morto, Christiano começou a falar. Negava o crime, na sua parte macabra. A sua constituinte não podia ter arrancado como se dizia, o coração da victima. Era falso. E justificava :

— Porque ella não podia procurar, senhores, aquillo que ella sabia, mais do que ninguem, que elle não tinha !

Pouco a pouco, foi o jovem advogado modificando o ambiente. Ao odio á homicida, succedera uma atmospha de sympathia benevolente. Algumas lagrimas foram apanhadas, com o lenço, ao canto dos olhos de alguns jurados. Antonio José d'Almeida voltou á tribuna, e rebateu. O promotor fez o mesmo. Christiano replicou, com igual successo. E com tal felicidade, que a accusada, em vez de ser condemnada a vinte e cinco annos de prisão, foi, apenas, enforcada, sem direito a sepultura em logar sagrado.

Desgostoso com o seu primeiro triumpho, Christiano resolveu suicidar-se nessa mesma noite. Sentado em uma pedra, nas visinhanças da Egreja do Bom Jesus do Monte, meditava elle sobre o modo de acabar com a vida, oscillando entre o afogamento no rio Este e uma queda do ponto mais alto da Sé. De repente, deu um pulo :

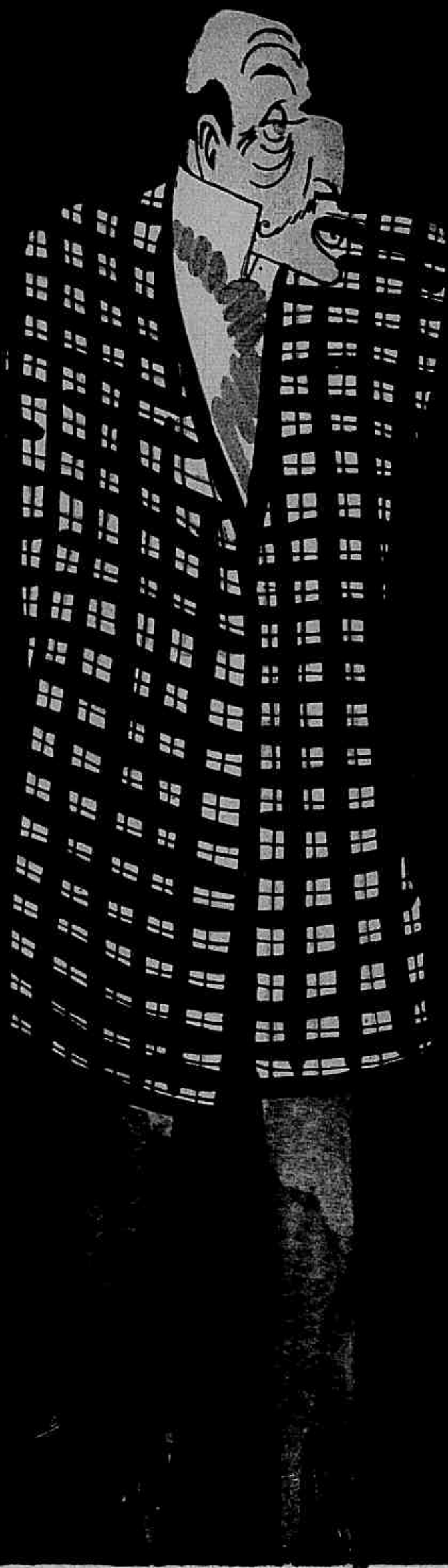
— Nem uma cousa nem outra, — gritou. — Vou morrer de fome !

E entrou para o theatro.

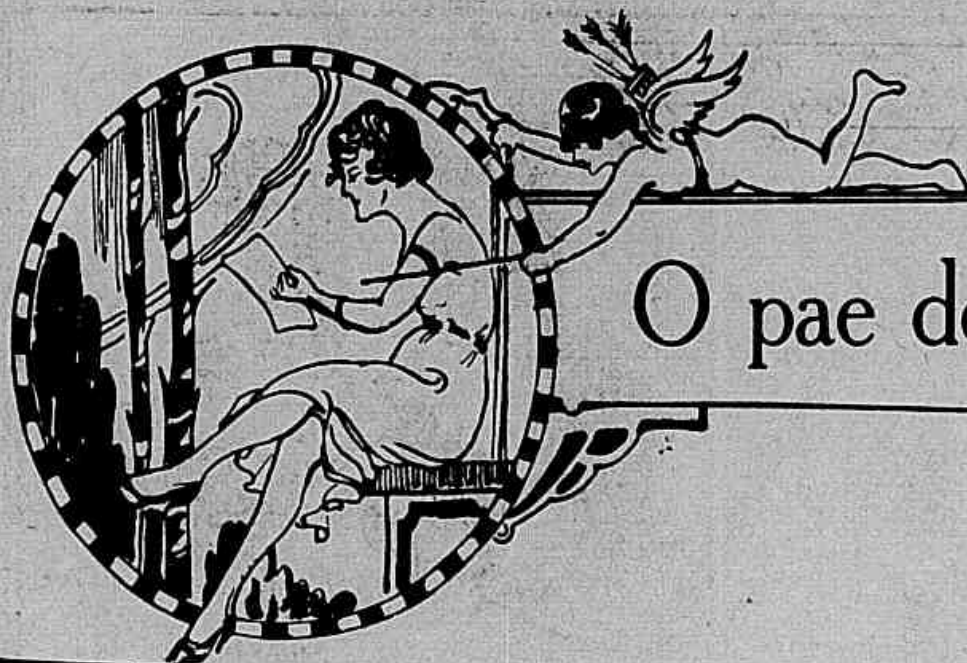
O novo genero de morte não foi, entretanto, como o suicida suppunha. Sabendo-o desgostoso da vida, uma grande artista estendeu-lhe a mão. Em seguida, es-



POR TRAZ DOS PANNÕS



CHRISTIANO DE SOUZA



O pae dos filhos...



O Lucas Pinhão, como todo cearense pobre que não acha meios de ganhar a vida no torrão natal, fôra para o Amazonas, no tempo em que a borracha alli enriquecia quem chegava.

Elle era empregado da Recebedoria do Estado e tinha sido demittido por ter votado nos candidatos a deputado do partido opposicionista. Sem meios de subsistencia, embarcára com passagem de terceira classe para Manaus, deixando em Fortaleza, sem um vintem, para se arranjar como pudesse, a mulher, pobre moça com quem casára havia poucos mezes, promettendo mandar buscá-la logo que se empregasse naquella terra rica para onde ia cheio de esperanças.

Passaram-se seis mezes sem elle dar a menor noticia á esposa. Ella vivêra durante esse tempo todo, vendendo os poucos moveis que possuía ou lavando e engommando para a vizinhança, com a maior difficuldade possível. E, no fim desse semestre de afflicção, perdendo a esperanças de novas do marido, cedeu á corte assidua que lhe fazia o Quincas Vianna, director da Secretaria de Fazenda, celibatario quasi rico, indo morar em sua companhia na rua São Luiz, no bairro de Outeiro, numa casinha de

porta e janella muito aceiada e bem arranjadinha.

O Lucas Pinhão não morrêra de febres palustres, de beri-beri ou do dente do jacaré, lá no Amazonas, conforme a mulher pensava. Arranjára optimo emprego na Intendencia de Manaus, e esquecêra a esposa no meio das pandegas com que vivia com os seringueiros ricos e as francezas de vida airada.

Passaram-se cinco annos. Elle sempre nessa vida e a Maria Pinhão amasiada com o Vianna, do qual já tinha tres filhos espertos: uma menina e dois meninos.

Um dia, enfim, o Lucas vem ao Ceará em commissão do governo amazonense. Indaga no Hotel de França, onde se hospedára, pela mulher que a vista da cidade natal recordou e da qual lhe veio uma saudade apagada.

Contam-lhe que o seu logar fôra occupado. Não pensou um momento que a culpa era toda sua, inteiramente sua. Nunca escrevêra, nunca mandára a menor noticia, jamais enviára um vintem. Como queria que aquella mulher moça soffresse necessidade e abandono, esperando-o fielmente?!

Entretanto, em nada disso pensou. O seu



CONSULTÓRIO DE



MME BENEDICTA

AGNELLO — A sua lembrança, mandando á pretendida o envelope sellado para a resposta, escorraça a feicidade. Um homem que se preocupe com semelhantes particularidades em materia de dinheiro, não pode agradar ás mulheres. Simule sempre, diante destas, um desinteresse absoluto pelas cousas de finanças. A mulher economica é um animal de que Linneu não encontrou nem o primeiro osso, como o do pleosauro.



BERNARDO B. — Está se vendo que o senhor chegou ha pouco do interior. Então, o cavalheiro convida uma senhora chic para tomar chá, e recebe-a na sua «garçonnière» mettido em um camisão de dormir? Não havia em casa nem, sequer, um pyjama de sêda?

Não é sem custo, nem decepções, que um provinciano se torna carioca. Procure a companhia dos rapazes chics e ricos — os Guialé, os Rocha Miranda, os Souza Leão, e outros, — e aprenda. Ao fim de um anno, o senhor não usará mais, na «garçonnière», o seu velho camisão. Não usará, mesmo, nada, a não ser, sobre a nudez crua, de verdade, o manto diaphano da fantasia...

DIDI — Ha uma tabella classica, de origem franceza, destinada ao governo das mulheres mundanas. Aos quatro annos, diz o escriptor que organisou esse trabalho, — a mulher parisiense abraça o seu papae e a sua mamãe. Aos quinze, abraça seu primo. Aos dezenove, o seu noivo. Aos vinte, o seu marido. Aos vin-

te e cinco, o seu amante. Aos trinta e cinco, o seu sobrinho. Aos cinquenta, o seu cachimbo. Aos sessenta, abraça... a vida religiosa. Escolha, pois na tabella, o logar que lhe compete.

Mlle. V. I. V. I. — Bourget define o «flirt» como «a aquarella do amor». Léo Claretie faz-lhe um elogio entusiastico, no «Roman d'un agrége». «O flirt tem sobre o amor, — escreve elle — uma grande vantagem: é que, terminado tudo, quando cada um retorna á casa, não leva nem saudades, nem decepções, nem pesares». E conclue: «E' o melhor passatempo para aquelles que não querem soffrer...»

Serve-lhe a receita?

L. G. — Conta um historiador que o marquez de Cretona era tão gordo que lhe era necessario sustentar o ventre com uma liga suspensa do pescoço. Com o uso do vinagre, dizem, diminuiu elle 45 kilos, — o que não impediu viesse a morrer da queda que deu de uma cadeira, depois do almoço.

Experimente, entretanto, o vinagre. Lembre-se que Cleopatra o tomou com as suas perolas e que o martyr do Calvario o supportou misturado com fel. E' possivel que, com o tratamento, o senhor diminua uns 50 kilos.

Mlle. IVETTE — O verso de Soulayr, é este:

Rose ouverte plus ne se ferme...

Lembre-se sempre delle.

Mme. Benedicta



tendeu-lhe a bocca. E partiram, ambos, para o Brasil, em «tourné» gloriosa, coroada pelo nascimento de uma pequenita, que devia ser, mais tarde, em publico, o orgulho da famosa «estrella» do palco portuguez, e, em particular, na intimidade do seu coração, a maior vaidade do antigo estudante coimbrão.

A vida artistica de Christiano de Souza tem sido, toda ella, um mixto de altos e baixos, de enthusiasmos e desfalecimentos, de triumphos e decepções. O rei D. Carlos, sabendo-o capaz de passar cinco dias sem comer, convidou-o para ministro das Finanças, no Gabinete João Franco.

Na Republica, offereceram-lhe a pasta do Fomento. Elle declarou, porém, que não queria mais morrer, e recusou, terminantemente, a honra de ser alvo de pontaria nos ultimos dessidios da politica portugueza.

Actualmente, está Christiano no Brasil, como figura de primeira ordem da companhia Lucinda Simões. E' feliz, parece. A sua carta de bacharel foi espedaçada pela Lucilia, quando esta era pequena. E o canudo que a guardava, esse, conserva-o Christiano na sua bagagem, para olhar, d'aqui, a Sé de Braga, por um óculo...

João Kaetano



Theatro Boccacio

Uma entrevista de amor

Raphaelino — medico, solteiro, 45 annos.

João Maria — engenheiro, casado — 40 annos.

Mme. Sant'Anna — casada — 38 annos.

1º ACTO

No escriptorio de João Maria — Mobiliário simples — elegancia discreta — um divan de esteirinha.

SCENA UNICA

JOÃO MARIA E RAPHAELINO

(João Maria, de pé junto á mesa, examinando uns recortes de jornal — Raphaelino estirado no divan.)

JOÃO MARIA — (entregando um recorte de jornal a Raphaelino) Está aqui o resumo da conferencia... Sahio com alguns erros de revisão... E' sempre assim... os revisores tem uma implicancia systematica commigo... Deturpam tudo quanto escrevo...

RAPHAELINO — (fincando o monoculo) Pois a tua letra não é má... Mas... que é isso?... "Abades e abbadessas na Corte de Luiz XV"?... Será um capitulo inedito de Saint-Simon?...

JOÃO MARIA — Parece á primeira vista... não é?... Pois olha... E' méra fantasia... para escaldar a imaginação das Damas Galantes...

RAPHAELINO — Poderias ter compilado umas notas de Bachaumont... São picantes e tem uma verve especial...

JOÃO MARIA — Tenho que adaptar ao meio a minha litteratura... Sabes... nós aqui as tratamos de "Damas Galantes"... mas para o mundo ellas são "As Damas Caritativas do Meyer"...

RAPHAELINO — (enquanto lê) Está o que eu condemno... O euphemismo desse descaramento... Não tolero essa exploração da virtude... Sou pe'ca a'hice ruidosa... Champagne, meu caro... só é chic... em taça de crystal...

JOÃO MARIA — Vou mais por Horacio e Ovidio... O bom vinho em amphora de barro...

RAPHAELINO — Fragil como a virtude das tuas damas...

JOÃO MARIA — Symbolico... pelo menos...

RAPHAELINO — Para guardar... o vinho?...

JOÃO MARIA — Para guardar e para baber tambem... Eu sou assim... quando tenho sede não procuro copo... embôrco de uma vez a amphora... Que tal a conferencia?

RAPHAELINO — De um erotismo muito rebuscado... Ellas não comprehenderam a metade...

JOÃO MARIA — Ah! é que está a habilidade... E' preciso que não comprehendam tudo e acabem pedindo uma conferencia supplementar... em particular...

RAPHAELINO — Estás á espera disso?...

JOÃO MARIA — (olhando o relógio) Espero justamente a primeira... A's 3 horas...

RAPHAELINO — Aqui?...

JOÃO MARIA — No Alvear...

RAPHAELINO — Se não sou indiscreto...

JOÃO MARIA — Em nada... Queres saber quem é?... A Mme. Sant'Anna...

RAPHAELINO — Combinou um encontro contigo?...

JOÃO MARIA — Pelo telephone...

RAPHAELINO — E... estás prompto... para todas as consequencias do torneio de espirito?...

JOÃO MARIA — Levo como elmo a imaginação esvaldada... A minha lingua será um florete para cobri-la de epigrammas... se ella resistir to minutos... Como couroça...

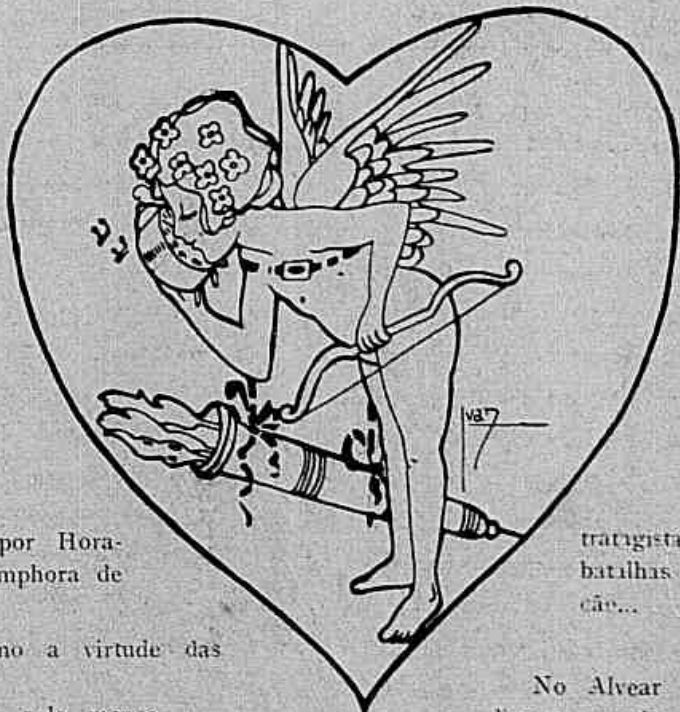
RAPHAELINO — Já sei... Levas uma camisa de seda que te custou pelo menos 100\$000...

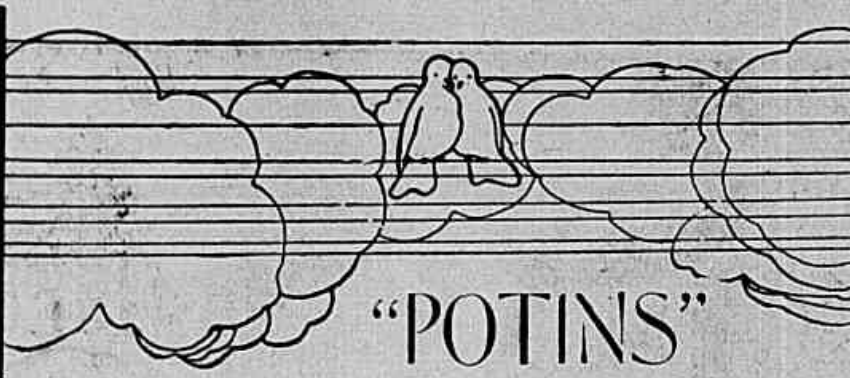
JOÃO MARIA — Estarei irresistivel... Sejam os deuses propicios e eu terei vencido uma grande batalha numa pequena mesa do Alvear...

RAPHAELINO — Buscas um amor que se esconde num labyrintho muito escuro... Gastas muito phosphoro da imaginação... Qual meca velho... eu sou pe'ca escola de Damasco de Salcede... Aliás Napoleão, que foi o maior estrategista do mundo, em se tratando de batalhas de amor era francamente pelo attraction...

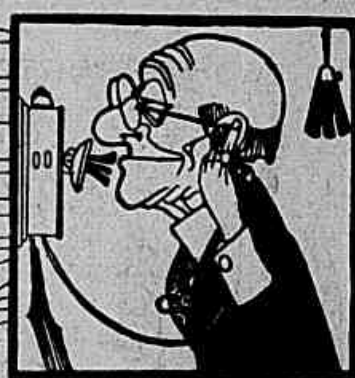
ACTO SEGUNDO

No Alvear — a mesa á direita num recanto discreto, atrás da bombonniere — Trez horas em





"POTINS"



A hyena

O dote de Madame foi volumosissimo. Quando ella foi para a companhia do marido, levou para o lar a mais linda collecção de joias do Rio de Janeiro. E essa fortuna têm sido o motivo das dissensões no casal.

— Tu casaste commigo foi pelo meu dinheiro! — grita a formosa senhora, o rosto vermelho de cólera. — Queres matar-me para ficar com as minhas joias!

Um destes dias, accusado dessa maneira, o conhecido mundano protestou:

— Eu? Pois bem: se tu morreres antes de mim, eu te juro que porei no teu caixão todas essas joias com que vives a afrontar-me. Has de levá-las todas!

— Não, filho, não! — retrucou Madame, soltando uma enorme gargalhada.

E horrorizada, com um pensamento macabro:

— Tu irias me desferrar de noite!

Homœopathia

O jovem e sympathico discipulo de Hahnemann escolheu, entre as suas admiradoras, um bibelotsinho de dezoito annos, que merecia, effectivamente, o seu nome. A affeição ia forte, sincera, bem dirigida, graças ao bom senso do rapaz, quando a moça, ha dias, propoz:

— Sabe de uma cousa? Vamos acabar com isto? Você não me serve.

E como elle a fitasse, espantado:

— Você é muito homœopatha!

Até hoje, o ex-noivo, apesar do esforço feito, não conseguiu saber como foi que a pequena lhe desvendou, indiscreta, os segredos da pharmacia...

Na linha...

A' porta do Garnier discutia-se um escriptor provinciano, cujo nome está chegando, aos poucos, ao Rio.

— Parece que a sua cultura não é muito solida — observou mestre Alberto de Oliveira, ordenando o bigode. — E, mesmo, não tem estylo...

— Nem era possível, — desculpou alguém. — Ha cinco annos, ainda, elle era um simples alfaiate. Pois, é por isso mesmo, — retrucou o mestre — é por isso mesmo que eu estranho.

E com a mesma gravidade:

— Elle tem um estylo muito descosido...

As surpresas da «champagne»

Aquelle jovem medico especialista fica tão diferente quando se mette em pandegas, que elle proprio, se chegasse deante de um espelho, não se conheceria. Ha dias tomou elle um automovel com dois amigos e duas ou tres companheiras divertidas, e metteu-se em um club chic, para os lados do Leblon. Madrugada já, voltou, cambaleando, e dormiu, mesmo na sala de jantar. Ao amanhecer, a senhora tomou um susto, vendo alli aquelle desconhecido, e

chamou a Policia. E tão diferente estava o desgraçado, com aquelle rosto cavado e aquellas olheiras enormes que madame só descobriu que era o marido pelo exame dos papeis que elle trazia no bolso!...

profundo egoismo esqueceu tudo para sentir-se unicamente ultrajado e muito ultrajado. Pôz o Smith & Wesson no bolso da calça de flanela, enterrou o chapéo do Chile na cabeça e tomou afogueado o bonde do Outeiro. Saltou na esquina da rua de São Luiz e perguntou onde morava o Quincas Vianna. Ensinaram-lhe a casa. Dirigio-se ás pressas para lá, encontrou a porta da rua aberta e entrou. Na sala brincavam os tres petizes, gordinhos, nús, chupando os dedos. Olharam-n'o sorrindo. Elle franziu a catadura num esgar de tanta raiva que as crianças desataram num berreiro medonho.

A'quelle barulho acorreram do interior da casinha o Vianna, de chambre de ramagens, e

a Maria, de roupão, claro. Esta deitou-se á porta do corredor, pallida como um cadaver. O amante, que não conhecia o Lucas, a lianta-se para o intruso, a perguntar-lhe o que fazia alli, intimidando-lhe os filhos e violando-lhe o lar. Antes que abrisse a bôcca, já o Pinhão empunhara o revolver e avançava furioso para elle.

Nessa angustiosa occasião, como verdadeira louca, a Maria segurou o braço do marido, abaixou-o, cahio de joelhos a seus pés, balbuciando supplicas e exclamando:

— Lucas! Lucas! Meu marido! pelo amor de Deus, pelo amor de Deus não mates o pae de teus filhos!...

Maribondo de Chapéo



O netinho

Foi pelo Carnaval que a Marina commettera aquella irremediavel leviandade. O rapaz era insinuante, bonito, maneiroso, e ella, atordoada, acompanhou-o por toda a parte. No dia seguinte, ao entrar no «atelier» de que era costureira, debalde procurou reconstituir a scena, para saber o que tinha feito. Um arrepio percorria-lhe o corpo, sacodindo-a. E a mocinha fechava os olhos, attonita, horrorizada com a sua situação.

Ao fim de um mez e pouco, principiaram a apparecer-lhe uns symptomas exquisitos. Uma inappetencia irresistivel afastava-a da mesa, á hora das refeições. Tonteiras, vertigens, vomitos ligeiros, vontade, uma vez por outra, de morder limões ou laranjas bem azedas, — completavam este quadro de symptomas caracteristicos. E em setembro, quando lhe não era mais possivel disfarçar o seu estado, deixou a moça o emprego, recolhendo-se á casa da mãe, confessando-lhe o mau passo que dera.

Marina não era, porém, creatura que se preoccupasse muito tempo com essas futilidades. Ella não conhecia o verso dos «Lusiadas» em que se fala do destino a dar-se áquillo que lhe dera a natureza, mas possuía uma noção amavel da vida. Se não fizera cousa boa, a consciencia não a atormentava muito, arrancando-lhe pranto do coração. E, por isso, não comprehendia aquella exigencia da velha mãe, a desven-

turada Dona Eleonora, ordenando-lhe que não puzesse pé fóra de casa antes do desenlace do drama.

Esse sedentarismo revoltava a rapariga. E foi revoltada que ella, um dia, se vestiu á vontade, poz o chapéo, e sahiu para a cidade, a scandalisar as amigas, e os conhecidos com aquella obesidade insolente.

A' tarde, voltou. E foi uma tempestade.

— Minha filha da minh'alma, — gemia a pobre mãe, desolada. — Que é que tu foste fazer!?... Tu estás maluca, minha filha?...

— Ora, mamãe! — retrucou a moça, estabanada. — Eu não fiz nada de mais.

E as mãos nos quadris ondulos, a carinha transformada numa



careta :

— Eu fui levar seu netinho para passear... Sabe ?

ENTRE VIUVAS



— Meu marido morreu de uma chuva que apañhou ... E o teu ?
— De muito menos. Morreu de «gotta» !

Batu Allah !

Phenomeno

O casal acabava de entrar no Alvear, ás cinco e meia. Ella, formosa, alta, esbelta, com uns lindos olhos e uns lindos dentes. Elle, pequeno, gordinho, redondinho, e com uma barriguinha tão graciosa que dá vontade de se fazer um «goal». A' entrada dos dois, houve um movimento de cadeiras. E alguém commentou, em uma das mesas:

— Olha a barriguinha d'elle? Estão vendo?

Uma senhora da mesma mesa, olhou. E sem attentar para o phenomeno que a sua pergunta ia suggerir:

— Mas, ha quantos mezes elles estão casados?

ponto. Começo de exhibição das elegantes das casas de chá.

SCENA UNICA

Mme. SANT'ANNA E JOÃO MARIA

(Mme. Sant'Anna sentada na mesinha discreta, corrige o véo no espelhinho da «trousse» quando João Maria chega)

JOÃO MARIA — Excellentissima...

Mme. SANT'ANNA — Tres horas batendo... E' pontual...

JOÃO MARIA — (beijando a mão de Mme. Sant'Anna) A pontualidade é um martyrio... Pelo tempo que o meu coração está batendo eu já deveria estar aqui desde o meio dia... (Abacando) Ha muito que me espera...

Mme. SANT'ANNA — Cheguei ás duas horas...

JOÃO MARIA — Tanto tempo... E ja tomou alguma cousa que a confortasse?

Mme. SANT'ANNA — Tomei apenas conta da mesa... Gosto imensamente deste canto...

JOÃO MARIA — Oxalá lhe agrade assim o canto que acabei de compor em homenagem á sua graça infinita... Mas... que vamos tomar?

Mme. SANT'ANNA — O snr... pelo menos... um calmante...

JOÃO MARIA — Calmante?... Se ainda hontem o Dr. Azevedo Lima me prescreveu um meio litro de Coit-treaul... Pssio!... garçon!... (o garçon se approxima).

Mme. SANT'ANNA — Para mim um «Ice cream»...

JOÃO MARIA — Para mim...

Mme. SANT'ANNA — (interrompendo) Nada de Coit-treaul...

JOÃO MARIA — Pois bem... Um leite merengado... (o garçon se retira)

Mme. SANT'ANNA — Guardo uma excellente impressão de sua conferencia...

JOÃO MARIA — E eu... uma deliciosa recordação do auditorio... Não imagina a commoção com que venho correndo ao seu chamado... Por que aqui... e não no Jardim Botânico?... no alto da Boa Vista?... Um lugar tão exposto...

Tanta gente indiscreta... Sabe... A sociedade é impiedosa...

Mme. SANT'ANNA — Se nós tratamos de obras de caridade... de religião...

JOÃO MARIA — (rindo) Mas não temos necessidade de missa ao ar livre... Hoje preferiria um confessionario...

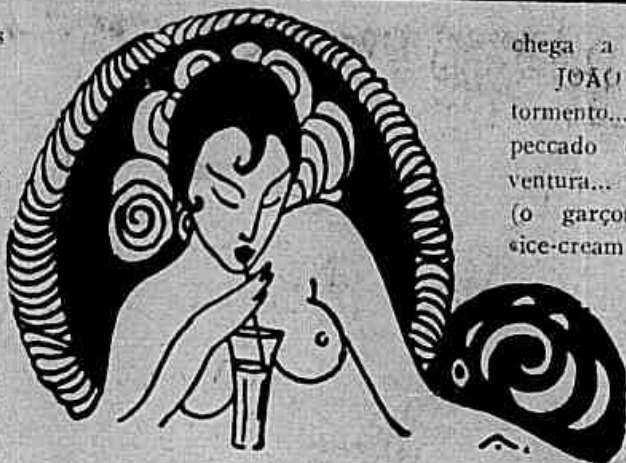
Mme. SANT'ANNA — Para confessar-se?... Conte a mim esse feio peccado que o atormenta... Eu o absolverei... Talvez... Contra que mandamento incorreu?...

JOÃO MARIA — Estou incorrendo... ainda neste momento...

Mme. SANT'ANNA — Qual delles?...

JOÃO MARIA — O nono...

Mme. SANT'ANNA — Peccado por pensamento... não



chega a ser peccado...

JOÃO MARIA — E' angustia... é tormento... é tortura... E no entanto o peccado é bom... e aspira a infinita ventura...

(o garçon se approxima e serve o «ice-cream» e o leite merengado)
(pequena pausa).

Mme. SANT'ANNA — Precisamos combinar uma cousa...

JOÃO MARIA — Para hoje!... Sim... para hoje mesmo!

Mme. SANT'ANNA — Para hoje não ha mais tempo... Será para todas as quintas... ou para ás terças... á sua escolha...

JOÃO MARIA — Para Ipanema?... Para a rua Taylor?... A' sua escolha...

Mme. SANT'ANNA — Que está dizendo?... Que está imaginando?... Queria que fosse o conferencista official da nossa Associação... Não imagina como todas as nossas damas gostaram da sua conferencia...

JOÃO MARIA — Deve haver um pouco de exagero benevolente... (desolado) Pelo menos a senhora não se impressionou devidamente...

Mme. SANT'ANNA — Como não?... Impressionei-me tanto que até meu marido reparou na minha impressão...

JOÃO MARIA — Imagino!...

Mme. SANT'ANNA — Não imagine... Poderá ser indiscreto... Só posso dizer que elle apreciou e tanto...

que chegou a lembrar que o convidasse para conferencia official... Elle suggerio uma conferencia por semana... Mas por meu gosto o Snr. poderá fazer duas ou mesmo tres...

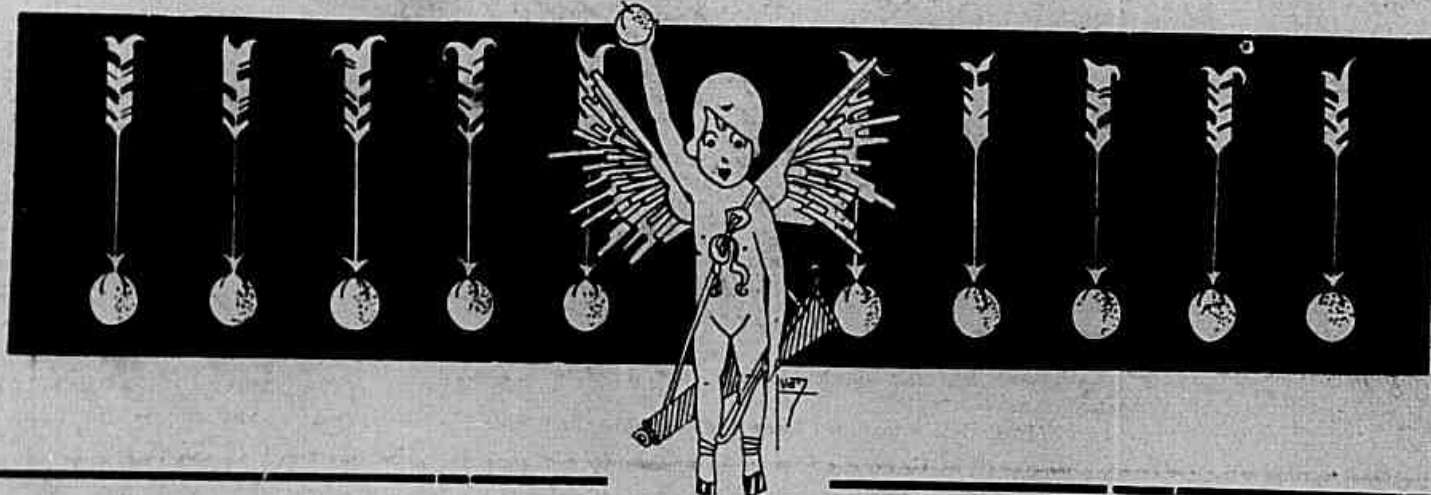
JOÃO MARIA — E foi para dizer-me essas cousas que a Snra. me convidou para este encontro...

Mme. SANT'ANNA — Oh!... Não!... (entregando um embrulhinho a João Maria) Também queria offerecer-lhe como lembrança esta nascotte...

JOÃO MARIA — Naturalmente a miniatura de seu coração, feito em aço...

Mme. SANT'ANNA — Que idéal!... E' uma figurinha de ouro...

Jan Richora



EDIÇÕES DA GRANDE LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, litteratura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, alguns dos trabalhos de que, no ramo litterario, é editora, affirmado o valor dessas produções pelo alto merito dos seus autores, dispensados estes, pela sua fulgurante notoriedade, de menção bordada de elogios:

A Mulher na poesia brasileira , de Leal de Souza, brochado 3.000, enc.	4.000	D. Pedro II — Predição — Saudação — do Dr. Carlos de Laet (da Academia br.	2.000
A Correspondência de uma estação de cura , de João do Rio, o saudoso Paulo Barreto, br.	3.000	Da Seara de Booz , de Humberto da Campos, da Academia, br. 4.000, enc.	5.000
A Abolição , do Prof. Osorio Duque Estrada, da Academia, prefacio do Dr. Ruy Barbosa, br. 4.000 encadernado	6.000	Espectros , sonetos de Cecilia Meirelles, br.	1.000
Accendalhas , litteratura e folk-lore de Alberto de Faria, da Academia, br. 5.000, enc.	6.500	Elle! perfil do ex-Kaiser, de Lopes Trovão, br.	1.000
Album dos Doutorandos de 1918 , pelo Dr. Xavier de Oliveira, encadernado	20.000	Evangelho da Bondade (e outros poemas) trabalho premiado pela Academia Brasileira de Letras — de Afonso Lopes de Almeida, br. 3.000 enc.	4.500
A vida é... assim , contos de José Sizenando, br. 3.000 encadernado	4.000	Flores Modernas , romance realista de Mme. Chrysanthème (pseudonymo) br. 4\$, enc.	5.000
Aventuras de Kaximbown — 50 historias humoristicas infantis, em 300 quadros a muitas côres — soberbo trabalho de Yantok — vol. cart., grande formato,	4.000	Folhas que ficam . Emoções e Pensamentos, de Nestor Victor, br. 4.000, enc.	5.000
As mentiras da Historia do Brasil , do Prof. Francisco Assis Cintra, br. 4.000 cart.	5.500	Fausto e Asverus , poema de Octavio Augusto br. 3.000, encadernado	4.000
Ao som da viola — a grande obra de Gustavo Barroso (João do Norte) sobre Folk-lore, o trabalho mais notavel e completo no genero, em vol. de 750 paginas. — Br. 6.000, enc.	8.000	Fallando... de Coelho Netto, da Academia, br. 4.000, encadernado	5.000
Ariadne , de Magalhães de Azeredo, da Academia, Embaixador brasileiro em Roma, br. 5.000 enc.	6.500	Flôr Azul , poesias de Bernardino Vieira, br. 3.000 encadernado	4.000
Bosque Sagrado , versos de Leal de Souza, br. 4.000 encadernado	5.000	Graves e futeis — de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br. 4.000, enc.	5.500
Beatitudes , versos de Pereira da Silva, br. 4.000 encadernado	5.000	Historia do Brasil , pelo Methodo confuso; humorismos de Fradique Mendes, pseudonymo, fartamente illustrada, cart.	5.000
Bolhas de sabão , humorismos de Bastos Tigre (esgotado)		Holocausto , poesias de Pereira da Silva, br. 4.000, encadernado	5.000
Contos Azues (infantis) — por Mme. Chrysanthème (pseudonymo. br. 3.000, enc.	4.500	Imagens , de Felicio Terra, (pseudonymo do Conselheiro Dr. Nuno de Andrade), br. 4.000, encadernado	5.000
Cathecismo Civico — do prof. dr. José Agostinho dos Reis, cart.	3.000	Jardim de Heloisa , contos modernos do saudoso Castro Menezes, br. 4.000, enc.	5.000
Cartas sobre o soffrimento , de Elisabeth Leseur (tradução), br.	4.500	Jornal e Pensamentos de cada dia , de Elisabeth Liseur, prefacio do Dr. Carlos de Laet, da Academia, traducção autorizada, br.	3.500
Cousas diplomaticas , de Helio Lobo, da Academia, br. 5.000, encadernado	7.000	Luz Vermelha , de Benjamin Costallat, (nova edição) br. 5.000, enc.	6.000
Critica de hontem , de Nestor Victor, br. 4.000, encadernado	5.000	Livro do meu cantar , trovas do Dr. Heitor Beltrão, br.	1.500
Direito de Guerra — do Dr. Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, br. 6.000 enc.	8.000	Letras floridas , de Amadeu Amaral (da Academia), br. 4.000, enc.	5.000
De que o mundo ri... de Lemos Brito, br. 4.000, encadernado	5.500	Meio-Dia , poesias de Ildefonso Falcão, br. 4.000, encadernado	5.000
Desherdados , scenas dantescas, occorridas na Amazonia e Acre, observadas pelo autor e descriptas sob a fôrma de romance realista, por Carlos de Vasconcellos, br. 4.000 enc.	5.000	Mutt, Jeff & Cia. — deliciosas chronicas de Benjamin Costallat, br. 5.000, enc.	6.500
Do vagão-leito á prisão , de Théo-Filho, br. 4.000 encadernado	5.000	Musa Civica , notavel collectanea de produções de 108 poetas nacionaes. exaltando o amor á Patria e ao Dever, por Xavier Pinheiro, vol. cartonado, com 700 pags.	6.000
		Maria , poemeto de Fausto Teixeira, br.	1.000
		Mau olhado , romance do Dr. Veiga Miranda, br. 4.000 encadernado	5.000

PEDIDOS DIRECTAMENTE Á GRANDE LIVRARIA EDITORA

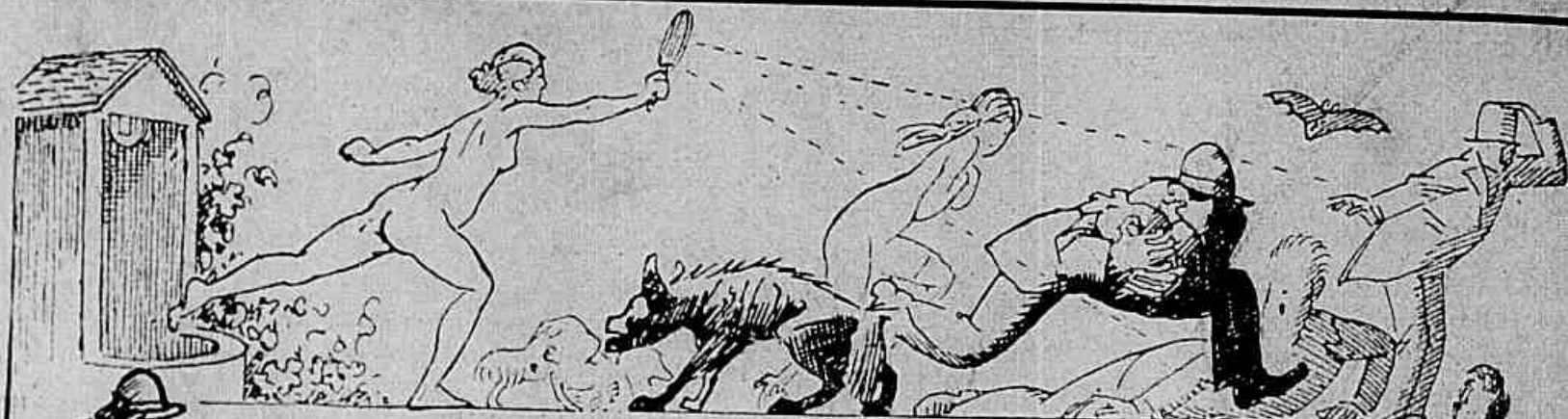
LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL.

Telephones: Central 250 e 386



POR TRAZ DOS PANNOS

Mattos... além

Elle, actor engraçado, um dos mais antigos da companhia do velho theatro, anda acabrunhado.

Ella, que elle tanto amava, fugiu da encantadora gaiola dourada do seu camarim.

— E é isto a vida! — dizia o pobre apaixonado, á porta do café.

— Mas qual a causa? — inqueriu, interessado, o dr., medico da Empreza.

— A causa? Sei lá... Ella que tinha um tanto de autoritaria... mudou de genio...

E apontando a «quasi» estrella do Carlos Gomes:

— Hoje é assim: uma «Maria vae com as outras»...

La Femme Nue

O joven doutor, conhecido homem de theatro, tinha a sua entrevistasinha para

aquella noite, após o espectáculo do Municipal.

E por isso foi sorrindo, aos amigos e conhecidos, que o futuro promotor publico deixou o Municipal esquecido de tudo: theatro, Bataille, Dermoz...

— Foi por isso que os amigos estranharam aquella entrada subita, no Club, ás 2½ horas da manhã.

— Então, o que foi? Que te aconteceu?

E elle, numa expressão de

terror, indiscriptivel:

— Eu vi... «la femme... nue»!...

Papeis de embrulho

Os dois iam brigando pela rua da Carioca.

Elle, mixto de gata e de criado; ella, uma vocação, não se sabe ainda si para comedia ou revista.

Ciumes?...

Ninguém sabe. O facto, porém, é que o Norberto Teixeira ouviu o festejado actor dizer, indignado:

— Eu não faço destes «papeis»!...

Perspiciacia

Ella, a loura actriz, gosta devêras do seu doutorzinho e acabado o espectáculo vae, direitinho, sentar-se junto, bem junto d'elle, para assistir o

resto da sessão.

— E vocês sabem qual o motivo dessa paixão? — perguntou a Denegri:

E' porque elle é Albe... «rico»...

Ponto... al

Na caixa do Rialto:

— Então a Albertina...

— E' verdade; esqueceu o Mario...

E o Brandão Sobrinho:

— Tambem, que diabo! A pequena precisava de um «ponto» de apoio!...

Rideau

O creado



— Podemos contar com a sua discreção?

— Absolutamente. Para as mulheres, eu sou um creado... mudo!